

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA MESTRADO E DOUTORADO

KAMILA PRONÇATE ZANIN

PERCURSO PULSIONAL: DA INÉRCIA À VITALIDADE

CURITIBA

2024

KAMILA PRONÇATE ZANIN

PERCURSO PULSIONAL: DA INÉRCIA À VITALIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia (*strictu sensu*). Área de concentração: Filosofia da Psicanálise, da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca

CURITIBA

2024

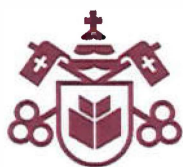
Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

Z31p
2024 Zanin, Kamila Pronçate
 Percurso pulsional : da inércia à vitalidade / Kamila Pronçate Zanin ;
 Orientador: Francisco Verardi Bocca. 2024.
 79 f. ; 30 cm

 Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
 Curitiba, 2024
 Bibliografia: f. 77-79

 1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Psicanálise. 3. Vitalidade. 4. Energia
 psíquica (Psicanálise). I. Bocca, Francisco Verardi. II. Pontifícia Universidade
 Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título.

CDD 20. ed. – 150.1952



**Programa de
PÓS-GRADUAÇÃO
EM FILOSOFIA
PUCPR**

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 247
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Kamila Pronçate Zanin

Aos quinze dias do mês de março de dois mil e vinte e quatro, às quinze horas e trinta minutos, reuniu-se por videoconferência a Banca Examinadora constituída pelos professores: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca, Prof. Dr. Caio Padovan Soares de Souza e Prof. Dr. Vinícius Armiliato, para examinar a dissertação da mestrandia do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Kamila Pronçate Zanin, ano de ingresso 2022, intitulada: **DINÂMICA PULSIONAL: DA INÉRCIA À VITALIDADE**. Após apresentação e defesa da Dissertação, a mestrandia foi aprovada pela Banca Examinadora. Proclamados os resultados, o Presidente da banca confere à candidata o título de Mestre em Filosofia. A sessão encerrou-se às 17h30. Os avaliadores participaram da defesa por videoconferência e estão de acordo com os termos acima descritos. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelo presidente da banca e pela coordenação do Programa.

Presidente:

Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca (PUCPR)

Convidado Externo:

Prof. Dr. Vinícius Armiliato (UNIVILLE)

Participação videoconferência

Convidado Externo:

Prof. Dr. Caio Padovan Soares de Souza (UFPR)

Participação videoconferência

Prof. Dr. Federico Ferraguto
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia – *Stricto Sensu*



KAMILA PRONÇATE ZANIN

PERCURSO PULSIONAL: DA INÉRCIA À VITALIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia (*strictu sensu*). Área de concentração: Filosofia da Psicanálise, da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Doutor Francisco Verardi Bocca
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Professor Doutor
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Professor Doutor
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Curitiba, ____ de _____ de 2024.

Aos meus pais e ao meu amado marido
que de maneiras diferentes me
possibilitaram sentir o amor.

AGRADECIMENTOS

Sou grata aos meus pais que me conceberam a vida, ao meu amado e companheiro marido que me ajuda a enfrentá-la. Agradeço imensamente ao meu orientador Francisco Verardi Bocca que em todo tempo foi atencioso, benevolente e me orientou com tamanha maestria, e ao meu analista que há mais de uma década me segura pela mão em minhas travessias.

A psicanálise se originou da carência médica, surgiu da necessidade de ajudar os doentes nervosos que não experimentaram alívio mediante repouso, hidropatia e eletricidade.

(FREUD, 1919 p.390.)

RESUMO

Esta dissertação apresenta o percurso pulsional no aparelho psíquico baseada nas teorias de Sigmund Freud (1856-1939). O conceito de pulsão (Trieb), apesar de ser abrangente e complexo, está distante de oferecer uma total compreensão e domínio de todos os questionamentos que provoca.

Ele também oferece um esclarecimento a respeito da estrutura celular neuronal permeável e impermeável do sistema nervoso, além de um entendimento entre o ponto de vista biológico e mecânico relacionado ao funcionamento das células nervosas e da barreira de contato.

Abordando também a fonte do objeto as necessidades naturais demonstrando assim a complexidade do funcionamento das células nervosas e da dinâmica pulsional. Também é possível compreendê-lo quanto à sua grande inclinação para a inércia, para o retorno ao inorgânico, tanto quanto apresenta vitalidade e manutenção do aparelho psíquico dentro das possibilidades da vida em sociedade, expondo um tipo de antinomia que nos interessa explorar e equilibrar. A metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica, percorrendo os textos freudianos e de comentadores, referentes ao tema da pulsão e de sua satisfação.

Palavras-chave: Freud; Pulsão; Inércia neuronal; Destino pulsional.

ABSTRACT

This dissertation presents the instinctual path in the psychic apparatus according to the theories of Sigmund Freud (1856-1939). The concept of instinct (Trieb), as complex and embracing as it is, is far from offering a full understanding of all the questions it raises. It also offers an enlightenment concerning the permeable and impermeable neural cellular structure of the nerve system, proposes an understanding between the biological and mechanical point of view related to the nerve cell functioning and contact barrier. It also approaches the source and needs of the natural object, demonstrating the complexity of the functioning of the nerve cells and of the instinct dynamics. It is also possible to understand it, in its regard to a great inclination towards inertia, to a return to the inorganic, as well as it presents vitality and maintenance of the psychic apparatus within the possibilities of social life, exposing a type of antinomy that we are interested to explore and balance. The methodology used is bibliographical review, covering Freudian and commentators texts, relating to the theme of instinct and its satisfaction.

Key-words: Freud; Instinct; Neuronal inertia; Instinctual Destination.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	SOBRE A TEORIA PULSIONAL E A INÉRCIA NEURONAL	14
2.1	A PULSÃO E SEUS COMPONENTES.....	14
2.2	PULSÃO DE MORTE, REPETIÇÃO E NEUROSE TRAUMÁTICA	23
2.3	INÉRCIA NEURONAL E CONCEPÇÃO DECLINISTA DO APARELHO PSÍQUICO.....	32
3	TEORIA NEURONAL E TEORIA SEXUAL NA VISÃO FREUDIANA: PERSPECTIVA MECÂNICA E BIOLÓGICA	37
3.1	ESTRUTURA CELULAR PERMEÁVEL E IMPERMEÁVEL DO SISTEMA NERVOSO	37
3.2	ENTENDIMENTO ENTRE O PONTO DE VISTA BIOLÓGICO E MECÂNICO 40	
3.3	DA FONTE DO OBJETO PULSIONAL ÀS NECESSIDADES NATURAIS ...	44
3.4	SOBRE A ORDEM VITAL NO APARELHO PSÍQUICO	47
4	OS POSSÍVEIS DESTINOS PULSIONAIS, SUBLIMAÇÃO, POSSIBILIDADES E LIMITES DO APARELHO PSÍQUICO.....	49
4.1	A PULSÃO E SEUS DESTINOS	49
4.2	SOBRE O PERCURSO E O CONCEITO DE SUBLIMAÇÃO.....	53
4.3	DA DUALIDADE PSÍQUICA À MANUTENÇÃO E POSSIBILIDADE VITAL.	56
4.4	POSSIBILIDADE DE CONSERVAÇÃO VITAL PELA VIA DO AMOR.....	63
5	CONCLUSÃO.....	72
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78

1 INTRODUÇÃO

É possível observar o quanto o indivíduo sofre e permanece em uma posição de sofrimento, e que muitas vezes se depara com algum impasse em sair dela, caindo assim em uma repetição. Pois bem, não se trata de sentir-se confortável quando se sofre de algo, mas de permanecer subjetivamente em um lugar onde se tem conhecimento mínimo do que se passa, e assim manter-se numa posição psíquica, como se diz, no modo econômico. Se faz importante sinalizar aqui, que dentro de toda análise literária desta pesquisa, o objetivo é manter-se em uma linha psicanalítica que está inserida em um campo filosófico, e que nesta linha da filosofia da psicanálise há uma enorme observação qualificada acerca da pulsão, movimento e seus possíveis destinos, além de tratar sobre a estrutura celular nervosa e possibilidades para a conservação vital do aparelho psíquico. Neste trabalho, os conceitos da filosofia da psicanálise permitem realizar uma reflexão entre as possibilidades de vida, a maneira de como um indivíduo pode se colocar diante da dela.

Além disso, pode-se também perguntar pelos motivos que inclinam ou até mesmo que mantêm um indivíduo numa posição destrutiva. Pode-se perguntar de onde vem tamanha força que, de forma curiosa, encontra um caminho para escoar? Sendo que nesse escoamento encontra um “ganho” secundário, uma satisfação que está oposta ao que se conhece por prazer ou felicidade, de modo que a satisfação seja da ordem do sofrimento e da morte.

As respostas esperadas derivam da compreensão acerca do movimento pulsional no aparelho psíquico. Respostas que serão fundamentadas na teoria freudiana, mas também em seus comentadores. Respostas considerando a maneira incisiva que a pulsão tem de retornar ao seu estado inorgânico, além de considerar que ela pode fazer um outro caminho inclinado à vida e à manutenção da vitalidade do aparelho psíquico.

Foi através de observações em atendimentos clínicos, leituras, e estudos de caso que surgiu o desejo em aprofundar o saber acerca desta força incontrolável. Estas experiências permitiram concluir que a pulsão, conforme abordada nesta pesquisa, vista como uma força constante no organismo que sempre se inclina para a satisfação, almeja a satisfação de muitas maneiras. É verdade que um indivíduo em algumas situações não prevê o quanto pode se colocar em risco, em face desta força atuante e constante que busca descarga, muitas vezes, de forma destrutiva. Além

disso, por ser uma força interna que atua dentro do organismo, não há escape possível contra ela (FREUD, 1915).

Esta dualidade é possível de ser constatada na obra *Além do princípio do prazer* (1920), onde Freud traz uma compreensão acerca da pulsão em suas duas vertentes, a de *vida*, que busca satisfações visando a manutenção da vida e do laço com o outro, e a de *morte*, que busca conservar o mesmo estado de coisas, tendendo à inércia, ao repouso. É nesse embate entre pulsão de vida e de morte que ocorrem os desafios da existência, que há todo um movimento, mesmo sendo inconsciente, para que cada indivíduo possa encontrar uma forma de viver e de morrer, e de dar sentido para o que vive. Sem escapar ao domínio do *princípio do prazer* que serve e orienta as pulsões de morte Freud (1920), a vida civilizada aparece como um acordo de compromisso entre o autoerotismo e a realidade que o perturba.

Esta reflexão se estrutura por meio de uma pesquisa bibliográfica das obras de Freud que expõem o estatuto da pulsão e suas possibilidades, como o retorno ao inorgânico e a manutenção da vida. A articulação teórica proposta, será apresentada em três capítulos, sendo o primeiro apoiado na obra de Luiz Roberto Monzani, trazendo um panorama acerca da pulsão e seus componentes. Ela nos direciona num primeiro momento para a questão pulsional inercial, pulsão de morte, repetição e neurose traumática. Ela também nos fornece uma concepção declinista do aparelho psíquico.

Desta forma, a teoria inercial e pulsional foi o tema que deu início neste trabalho no primeiro capítulo, sendo explorado o conceito de pulsão e seus elementos com base nos textos de Freud 1915/2017, onde é possível fazer uma compreensão sobre este tema tão amplo, onde apresenta-se duas vertentes pulsionais, a *pulsão de morte* que se inclina a inércia, em manter os estados das coisas e sobre a vertente que se inclina a *vida*, ao laço com o outro e o social.

Ainda nesta sessão pode ser comentado sobre a repetição e a neurose traumática, baseados nos textos de Monzani (2014), onde foi esclarecido que o que é pulsional está enraizado no campo do inconsciente, contudo, em comum com a opinião Monzani, Pontalis também comenta a mesma localização pulsional, de uma maneira direta, ambos mostram que a pulsão não faz parte do funcionamento consciente.

Sendo assim, existe toda uma complexa operação de células nervosas envolvidas neste fenômeno pulsional, como aparece na linha de raciocínio de

Monzani, ao notar uma sequência à obra freudiana acerca do ato preparatório – a *Bindung* -, que visa conectar e vincular uma energia invasora no aparelho psíquico; neste ponto que o autor nos esclareceu, pode-se ter uma compreensão acerca das repetições e sobre a neurose traumática no texto *Além do princípio do prazer* (1920), onde Freud pontuou que no caso das neuroses o indivíduo repete por não se recordar.

Isto posto, a repetição aqui, não está referida no modo direto e literal da palavra, pois Freud já apresentou que a repetição, para ser considerada como tal precisava aparecer em série, para assim ter um valor probatório. Somado a isso, pode-se entender sobre a concepção declinista do aparelho psíquico, onde Monzani segue o raciocínio freudiano sobre manter o aparelho psíquico com o nível mais baixo possível de energia.

Posteriormente, no segundo momento, nesta sessão o autor dá continuidade aos estudos freudianos, onde Gabbi Jr. (1995), nos esclarece pontos relacionados à estrutura celular e a duas classes neuronais, dentro de um panorama mecânico e biológico no sistema nervoso. Nesta sessão, os pontos abordados vieram para somar com o desenvolvimento desta pesquisa, onde nos esclareceu o quanto é sofisticado o funcionamento mecânico e biológico do aparelho anímico. Foi possível apresentar as diferenças das células nervosas e quanto o funcionamento e atuação delas estão presentes na teoria pulsional. Ou seja, existe toda uma movimentação mecânica e fisiológica que influencia na catexia e que fica solta e precisa ser escoada, ou que visa uma forma para que possa se soldá-la e torná-la quienscente.

Os comentadores das obras freudiana, tanto Gabbi Jr. (1995) quanto Laplanche (2001), sinalizam que o campo da biologia sempre esteve presente nos estudos psicanalíticos, e nesta sessão pode-se observar nos escritos Freudianos a colaboração teórica de uma com a outra. Sendo assim, diante de toda teoria pulsional e inercial que foi descrita e trabalhada nesta pesquisa, também pode-se verificar a colaboração da biologia quanto a finitude da vida, ou seja, de que a morte também está enviesada em um ciclo natural do ser humano, onde existe o nascimento, o desenvolvimento e a morte; como Laplanche sinaliza que não está atrelada apenas a redução das excitações vitais, sendo assim, desta forma é possível perceber que mesmo com a presença de uma teoria declinista, existe como saída e via possibilidades vitais do aparelho psíquico que estão inclinadas para a vida.

Através de leitura e pesquisas no decorrer deste trabalho, pode-se verificar alguns pontos relacionados à colaboração que a psicanálise fornece, ao apresentar

algumas possibilidades vitais, ao mesmo tempo em que está distante de oferecer ou definir soluções para este fenômeno tão complexo que é suportar ou explicar a vida e seus desafios.

Partindo desses possíveis destinos pulsionais, conseguimos compreender então a teoria da sublimação, onde Mendes (2011), apresenta uma sequência dos artigos metapsicológicos de Freud acerca do tema, ao esclarecer sobre as forças que se desviam para outros objetos a fim de manter ou se inclinar a conservação, a autora também marca que este destino pulsional, pode ser uma chance ou uma saída para que o indivíduo se incline para atividades artísticas, esportivas, pesquisas intelectuais, se distanciando do recalque. Dentro das chances e saídas pulsionais, foi possível comentar, mesmo que de forma breve, sobre a saída pela via da palavra no contexto clínico e suas limitações.

Ainda incluído sobre as possíveis saídas pulsionais, também há possibilidade da conservação vital pela via do amor, respeitando os limites que esta via nos apresenta, pois arriscado seria determinar uma felicidade plena, ou uma garantia para a vida, muito pelo contrário, a teoria psicanalítica juntamente com a filosofia nos ensina que nos fenômenos vitais não há uma garantia, e nem mesmo uma definição ou protocolo padronizado do caminho a ser percorrido para se ter felicidade, ou uma vida plena, mas sim a existência de momento ou acontecimentos geradores de felicidade (ou alegria), e aqui está o grande desafio, conseguir equilibrar o existir.

2 SOBRE A TEORIA PULSIONAL E A INÉRCIA NEURONAL

2.1 A PULSÃO E SEUS COMPONENTES

Neste primeiro momento, para falar sobre a pulsão, se faz necessário uma pequena distinção entre estímulo e pulsão. Para Freud, o conceito de *estímulo*, nos traz uma ideia de arco reflexo, onde um estímulo externo, originalmente de fora e que alcança o tecido nervoso é escoado para o meio externo em forma de reação, e esta entra em concordância com seu fim. Como, por exemplo, quando um raio de luz forte atinge os olhos, isso é percebido pelo tecido nervoso e logo arranjado pelo próprio indivíduo uma forma de se livrar dele.

Freud em 1915, propôs uma distinção precisa entre essas duas noções, que o estímulo vem de fora, do mundo externo e que chega até os órgãos de sentido e de certa maneira precisa ser tratado pelo aparelho psíquico como uma forma de excitação, buscando uma descarga, as pulsões elas se opõe aos estímulos não pela natureza do seu movimento que tende a uma descarga, mas pela origem da excitação, se o estímulo vem do mundo externo a pulsão vem do mundo interno (FREUD, 1915/2017).

Por outro lado, a *pulsão* não se origina no mundo externo, sua motivação é seguramente de ordem interna no próprio organismo, logo, em um órgão e desta forma, decorre de uma maneira diferente de atuação sobre o aparelho psíquico e necessita de outras ações para que seja extinto. Ainda se faz importante marcar, que toda essência do estímulo está embutida no impacto que ele pode causar, um impacto singular que pode ser amortecido através de uma ação única, porém considerada adequada para o indivíduo. Embora a pulsão venha do interior do organismo ela chega até o aparelho psíquico e exige que esse aparelho trabalhe em busca de uma descarga, de certa forma estaríamos diante de um mesmo movimento reflexo ainda que por onde esses estímulos passam sejam diferentes.

É verdade que a noção de pulsão está distante de oferecer uma total compreensão e domínio de todos os questionamentos que provoca, pois a *pulsão* é conceituada como uma força constante no organismo que sempre se inclina para a satisfação, não atuando de maneira momentânea e nem de impacto, mas de forma determinada; ela não se origina no exterior no organismo, pelo contrário, sua essência está no interior do próprio indivíduo que nem sempre é de ordem positiva.

Curiosamente, mesmo em situações em que o indivíduo não prevê o quanto pode colocar-se em risco, se observa que em face desta força atuante e constante, ocorre a busca de uma descarga de forma destrutiva. Por ser uma força interna que atua dentro do organismo de forma contínua, não há escape possível contra ela.¹

No entanto, é possível compreender a pulsão em suas duas vertentes, a de vida, que busca satisfações visando a manutenção da vida e do laço com o outro, e a de morte, que busca conservar o mesmo estado de coisas, tendendo à inércia. É nesse embate entre pulsão de vida e de morte que ocorrem os desafios da existência, que há todo um movimento, mesmo sendo inconsciente para que cada indivíduo possa encontrar uma forma de viver e dar sentido para o que vive. Contudo, sem escapar ao domínio do *princípio do prazer* que serve às pulsões de morte Freud (1920), a vida civilizada aparece como um acordo de compromisso entre o autoerotismo e a realidade que o perturba.

Compreende-se a dualidade instintual que surgia no momento, pautada na diferença entre o conjunto de funções fisiológicas que se inclinava para a conservação da existência do indivíduo, ou seja direcionada para os instintos de autoconservação e o conjunto de funções biológicas que estavam para servir a conservação da espécie, inclinada aos instintos sexuais, o autor em consonância com Freud, sinaliza que instinto aqui era possível de entender como algo da ordem da conservação e existência do indivíduo. E ainda, Freud ao falar sobre o “caráter conservador dos instintos”, ele não estava fazendo menção afim de conservar a espécie, mas sim aos instintos serem restaurados a um estado anterior da linha do tempo da vida (SIMANKE, 2014).²

Freud fez uma revisão em seus escritos e em 1920 inseriu uma teoria acerca da dualidade pulsional, onde marcava a oposição dos *instintos de vida* (eros) aos *instintos de morte* (thanatos), tendo como uma particularidade desta segunda dualidade estabelecer um limite na compreensão pois a primeira teoria estava inclinada e direcionada a uma meta de conservação.

¹ O conflito – inclusive no plano psíquico, isto é, no plano do funcionamento mental impulsionado pelas motivações instintivas – resultaria na impossibilidade de conciliar perfeitamente as metas dessas duas classes de instintos. Às vezes, a sobrevivência do indivíduo só poderia ser alcançada à custa do sacrifício da sobrevivência da espécie (basicamente, da renúncia àquelas atividades relacionadas com a reprodução) ou vice-versa (Simanke, 2014. Pg.73)

² Freud parecia, nesse momento, entender o instinto como uma espécie de *conatus* orgânico, a saber, um esforço inerente ao ser vivo, para continuar existindo, quer individualmente, quer como espécie (Simanke, 2014. Pg.73).

A teoria da sexualidade esclareceu que as metas sexuais podiam ser totalmente distintas daquilo que poderia estar relacionado com a conservação e manutenção da espécie, ou seja, da função de reprodução simplesmente, e ainda marca que no caso dos animais o instinto estaria relacionado a reprodução e no caso dos humanos o *trieb*³ sexual teria um entendimento diferente de instinto.

Além disso, para dar outro exemplo, a agressividade era explicada pelo seu pertencimento ao grupo dos instintos de autoconservação, o que só conseguiria dar conta dos aspectos adaptativos da agressividade, mas não de suas formas patologicamente excessivas ou, muito menos, da agressividade autodirigida, a não ser mediante malabarismos teóricos pouco convincentes, tais como a postulação de um destino instintual de transformação no contrário (amor em ódio, tipicamente) ou de volta contra si mesmo (transformação de agressão alodirecionada em autodirecionada) ou, ainda, propondo a erotização dessa forma de agressão autodirecionada como masoquismo (SIMANKE, 2014, pg. 74).

Nesta perspectiva, de um lado estava Eros, ou os instintos de vida, onde se ligou aos instintos sexuais e de autoconservação na primeira dualidade, mas é válido lembrar, que existiu uma certa resistência de Freud para incluir a autoconservação nessa categoria. Existiu uma incerteza em incluir na íntegra a sexualidade no agrupamento dos instintos de vida. O objetivo deste agrupamento de instintos estava inclinado a um caminho de uma complexidade e uma organização pelas ligações de estruturas consideradas mais simples, sendo consideradas orgânicas ou mentais.

Na perspectiva dos instintos de morte, Freud coloca que os instintos agiriam na direção contrária, no sentido de anular as conexões que já eram estabelecidas e retomar a estados anteriores com uma menor sofisticação e complexidade estrutural, um retorno ao estado inorgânico e inanimado do organismo, e também uma certa ausência em designar ordem nos próprios seres vivos, então a nomeação do instinto de morte.

Nesta segunda dualidade é notório as distinções plausíveis em relação à primeira. Num primeiro panorama, o objetivo geral de conservação da espécie foi reconduzido, como já fora sinalizado, Freud ao comentar sobre a conservação dos

³ Vale ressaltar aqui que o conceito de *Trieb*, por mais que tenha uma relação também com o conceito de *Instinkt* (traduzido por instinto), deste, distingue-se e refere-se então à pulsão sexual. Aos olhos de Freud, o conceito de *Trieb* enquanto pulsão sexual, irá especificar a energia própria da libido, diferenciando-se assim, da pulsão do Eu ou de conservação; não obstante, esse conceito também permeia a relação entre o trabalho psíquico e o corpo, isto é, o campo limite entre o psíquico e o somático.

instintos, ele se referia à tendência dos instintos em restaurar um estado anterior da vida. Uma outra distinção importante desta segunda dualidade, é que o conceito de instinto era marcado como um representante psíquico de fenômenos somáticos e contínuos que não poderiam ser contidos, ou até mesmo com um ponto de manobra entre o psíquico e o somático, como uma condição do psíquico em função da ligação com o corpo (SIMANKE, 2014).

Nas observações feitas até aqui sobre a pulsão, podemos encontrar em suas características, como já fora colocado anteriormente, que se origina do próprio organismo. Somado à sua constante movimentação, o que inclina a outro de seus traços diferenciais, temos a sua difícil satisfação. Esta, não se alcança, não se trata de um alcance simples de satisfação pulsional. Neste caso, quanto ao aparelho psíquico, o essencial aqui, é destacar a importância do seu afastamento de todo e qualquer estímulo, da redução ao mais baixo nível ou a mantê-lo ao máximo livre de qualquer estímulo.

Como dito anteriormente, os estímulos originados do meio externo, após ter sido manobrado pelo aparelho psíquico nos coloca uma tarefa que é de exauri-los, o que acontece por meio de movimentos musculares e, posteriormente, atinge seu alvo. Já os estímulos pulsionais que tem sua gênese no interior do organismo não conseguem se desfazer da mesma manobra. Assim, são colocados uma exigência muito maior ao sistema nervoso, incentivando atividades mais elaboradas e, se não bastasse, atividades também mais embaraçadas entre si, e com isso, alteram a forma de satisfação, e ainda, pressionam o sistema nervoso a abrir mão, intencionalmente é renunciar ao seu ideal, que é o de conservar afastados estímulos, e assim manter uma continuidade de nível baixo ou sem nenhum estímulo possível.

É importante sinalizar que são as pulsões as reais responsáveis e causadores do desenvolvimento que impulsiona o sistema nervoso com sua capacidade inalcançável de realizações, ao seu nível mais superior de desenvolvimento.

Se julgarmos que mesmo a atividade do aparelho anímico mais altamente evoluído está sujeita ao princípio de prazer, quer dizer, que é regulada automaticamente por sensações da série prazer-desprazer, então dificilmente poderemos negar a pressuposição posterior, a de que essas sensações reproduzem o modo como o domínio dos estímulos acontece. Isso, por certo, no sentido de que a sensação de desprazer tem a ver com o aumento, e sensação de prazer, com a diminuição do estímulo. (FREUD, 1915/2017 p. 23)

Portanto, não temos nenhuma evidência e segurança de que estaria excluída do princípio de prazer, ao contrário, afirma-se que é regulada de maneira espontânea por sensações da sequência prazer e desprazer, por isso não se nega que a pressuposição posterior, de que não é a sensação de prazer que produz o alívio, mas sim a extinção ou subtração de qualquer estímulo que pode operar sobre o aparelho anímico.

Fazendo um retorno ao aspecto biológico da pulsão, a partir de uma análise sobre a vida anímica, surge a pulsão entre um conceito que está posto na fronteira do sistema anímico e o somático, e representa os estímulos psíquicos que originam dentro do organismo e alcançam a alma, como uma forma de exigência de atividade que submete ao anímico e que sucede da relação com o corpo.

Sobre o conceito pulsional, podemos ainda compreender seus componentes, como: *pressão, meta, objeto e fonte da pulsão*. Ao primeiro, *a pressão*, compreende-se como uma força motor, ou também como uma exigência de atividade que por ela é representada. Assim, o traço impulsivo da pulsão é uma característica geral de sua essência, pois toda pulsão é uma parte de atividade, quando se fala de pulsões de ordem passiva, nada mais é que pulsões que tem sua meta passiva.

A *meta* de uma pulsão é sempre a satisfação, e que pode ser alcançada através do cancelamento do estímulo pulsional, e ainda que o alvo permaneça sem alterações para todas as pulsões, outros caminhos podem levar a mesma meta, sendo possível então a existência de uma mesma pulsão, vários caminhos que podem ser acordados ou alternados.

Quanto ao *objeto* da pulsão, podemos considerar que ele está iminente a ela ou através dele a pulsão pode atingir seu estado satisfatório, é importante marcar este fator que é impermanente da pulsão, mas se utiliza deste objeto para que a satisfação possa ser possível. Ainda assim, não há necessidade de ser um objeto material, a satisfação pode acontecer até mesmo usando parte do corpo do próprio indivíduo, existindo as chances de diversas vezes no percurso experienciados pela pulsão, ser embutido papéis diferenciados a ela e, ainda assim, é possível atingir a satisfação de pulsões distintas através de um mesmo objeto.

O entrecruzamento pulsional que se dá por uma conexão estreita da pulsão com seu objeto, é evidenciado como sua fixação, tem sua frequência em períodos muitos distantes do crescimento pulsional, e finaliza a flexibilidade pulsional ao se colocar de forma contrária a dissolver a conexão com o objeto. Neste conceito sobre

a *meta*, é possível comentar sobre as pulsões inibidas em seu alvo, que geralmente apresentam em processos que estão direcionados a uma satisfação, mas no percurso experienciam uma interdição, e então neste processo encontra-se uma satisfação parcial.

Todos os termos conceituais sobre pulsão apresentam características em comum, mas neste conceito que falaremos agora, conhecido por fonte da pulsão, veremos as relações que existem sobre a pulsão somado também a outras forças, como as forças mecânicas, que será estudado com um pouco de detalhe, em outro momento e adiante.

Por sua vez, a *fonte da pulsão*, este conceito apresenta características claras no processo somático do indivíduo, como em um órgão ou parte do corpo, onde o estímulo pulsional é retratado na vida anímica da pulsão. Existem algumas questões ainda a respeito deste processo, no sentido de ser considerado de ordem química ou, se pode-se dizer, que existem liberações também de outras forças, como as forças mecânicas.

O estudo das fontes pulsionais já não pertence à Psicologia; ainda que a origem em uma fonte somática seja o elemento mais decisivo para a pulsão, só a conhecemos na vida anímica por causa de suas metas. O conhecimento mais específico das fontes pulsionais não é estritamente necessário para investigação psicológica. Por vezes, as fontes da pulsão podem ser inferidas, de modo retrospectivo, a partir de suas metas (FREUD, 1915/2017, p. 27).

Quando observadas as fontes de excitação, notoriamente percebemos que as fontes externas são facilmente controláveis e as fontes internas incontroláveis. Nelas, os estímulos surgem de modo atemporal, são numerosos, vem de inúmeras fontes orgânicas, e sua atividade é inicialmente de forma autônoma umas das outras, mas todas possuem um alvo e cada uma almeja a satisfação sobre um órgão, e após terem concluído este percurso, então se posicionam a servir a função reprodutiva, surgindo as pulsões sexuais.⁴

⁴ De fato, se existe um denominador comum para toda a variedade de manifestações do que o século XIX considerava como patologias sexuais, é que nenhuma dessas formas de organização da vida sexual (inversões, fetichismo, sadomasoquismo etc.) permite o cumprimento da meta reprodutiva. Por que então chamá-las de sexuais – como se perguntou Freud – se a sexualidade estaria, por definição, restrita à reprodução? O que Freud detectou aqui, primeiramente, foi uma incongruência interna entre a intenção e a extensão do conceito de sexualidade, tal como empregado pela ciência e pela medicina de sua época (SIMANKE, 2014. pg. 84).

É verdade que por ocasião da introdução do conceito de narcisismo, houve uma marcação de diferenciações entre as teorias da pulsões por parte de Freud, uma vez que as distinções entre pulsões do ego⁵ e pulsões sexuais estavam ofuscadas, pois considera-se que o ego também possui seu investimento libidinal, seria autorizado então, aqui em dizer sobre esta dualidade que aparece, que há uma libido egóica e também uma libido objetal, e o ego seria um “espaço” onde existiria uma reserva libidinal que posteriormente seria enviada para demais objetos, mas que poderia também sair destes objetos e retornar ao Eu.

Segundo afirma Monzani (2014) as pulsões de autopreservação são consideradas de natureza libidinal, são pulsões sexuais que ocupam o ego do indivíduo tomando-o como um objeto, entretanto, é afirmado pelo autor que mesmo que outras pulsões estejam atuando sobre o ego, não é seguro afirmar ou negar a existência de outras pulsões também atuando sobre o Eu.

Por conta disso, Freud insistiu na pergunta se seriam “as neuroses doenças exógenas ou endógenas?” (1917, p. 350). Se seriam elas “o resultado inevitável de determinada constituição, ou são produtos de determinadas experiências de vida prejudiciais (traumáticas). Mais particularmente, são elas causadas pela fixação da libido (e pelos outros aspectos da constituição sexual) ou pela pressão da frustração?” (1917, p. 350). Em resposta, novamente reconheceu “uma preponderância na importância dos fatores predisponentes” (1917, p. 351). O que parece afirmar a natureza mortífera das disposições em detrimento de uma alternativa aos polos, vida e morte.

Nunca é tarde para dizer que ao estudar sobre a noção de pulsão de morte, encontramos, dentre tantas outras teorias, uma das mais confusas na obra de Freud. Pode-se dizer agora que se trata de um dualismo das pulsões que, após 1911⁶, em um artigo sobre as perturbações da visão, começou a ser distinguido por Freud. Foi então exposto que cada pulsão se inclina para a realização efetiva e que esteja

⁵ O ego atua como mediador entre o id e o mundo exterior, lida com o superego, com reminiscências variadas, e com as demandas do corpo. Como o ego atua de acordo com o princípio da realidade, seu tipo de atuação é verbal e se caracteriza pela lógica e pela objetividade/razão (FREUD, 1925/1996).

⁶ Cada pulsão tenta se satisfazer por meios que estejam alinhados com seus objetivos. Estas pulsões nem sempre são harmoniosas entre si e seus interesses podem gerar conflitos. A não concordância entre as idéias é um resultado dos embates e conflitos entre os vários instintos. Para esclarecer, uma parte fundamentalmente importante é desempenhada pela inegável oposição entre essas forças que favorecem a sexualidade, e a satisfação sexual, e as outras pulsões que têm por meta a autopreservação do indivíduo e os instintos do ego (FREUD, 1910/1996).

alinhada com seu alvo, no entanto, as pulsões em si nem sempre funcionam em conjunto uma com a outra, pois seus interesses entram em conflito.

Essa ambivalência pulsional, possibilita, por um lado, favorecer as consequências do prazer sexual e, por outro, a conservação do indivíduo.

Tanto as pulsões sexuais como as pulsões do ego têm, em geral, os mesmos órgãos e sistemas de órgãos a sua disposição [...]. A boca tanto serve para beijar como para comer e falar; os olhos percebem não só as alterações do mundo externo, que são importantes para a preservação da vida, como também as características dos objetos que os fazem ser escolhidos de amor-seus encantos [...]. Quanto mais estreita a relação em que um órgão, uma função dupla dessa espécie, entra com uma das principais pulsões, tanto mais ele se retrai da outra (MONZANI, 2014, p. 142).

É possível perceber, a partir da obra *Introdução ao narcisismo* (1914)⁷, o início um conflito, pois, a diferença entre as pulsões não estava clara, na medida que houve compreensão que o Eu também possuía o investimento libidinal, portanto, que a maneira correta de conceber a dualidade seria distinguir a libido do Eu e a libido objetal.

Com a ambivalência claramente percebida, podemos afirmar que o Eu conteria uma reserva de energia/libido e poderia então direcioná-la a outros objetos, sendo que dos objetos poderia retornar ao Eu também. Vale ressaltar que houve um grande esforço para separar as teorias, inclusive de alguns autores como Fenichel e Jones, além de Reich. Existem críticas direcionadas a essa teoria que questionam se realmente havia importância no conceito de pulsão de morte, alegando que até mesmo na prática clínica, a incidência não era das maiores e o próprio analista faria o manejo da mesma. Inclusive sobre o termo em si, pois a pulsão nos traz em seu sentido algo que se inclina ao ativo, à disposição.

Posto isso, cabe colocar aqui duas questões importantes para podermos pensar em suas diferenças: primeiro, se a noção de pulsão de morte realmente seria uma brecha do pensamento freudiano; a segunda, quanto à forma como Freud a concebeu, quanto ao modo como o conceito foi demonstrado em seus textos.

Respondendo-as, Monzani (2014) comenta que existe algo na obra freudiana que o tempo todo aparecia, como as menções à noção de retorno. Ele lembra que no

⁷ Quando o objeto que a libido pode encontrar sua satisfação está na realidade, o que demonstra uma ideia de meio externo, resulta em uma frustração. Consideramos que é ineficaz, não patogênica, até que uma insatisfação interna se some a ela. Esta última vem do ego, e se inclina a competir o acesso da libido com demais objetos, e esses objetos a libido de certa forma tenta reter (FREUD, 1914/2010).

segundo capítulo de *Além do princípio do prazer*, Freud tratou das neuroses traumáticas, dos sonhos enigmáticos e de algumas características dos jogos infantis⁸, fazendo menção ao que se repete, a uma compulsão à repetição.

Sendo assim, se percebe que também os sonhos⁹, na visão psicanalítica, são sem dúvida um meio de aprofundar e averiguar processos e funcionamentos psíquicos. Os sonhos no campo da neurose traumática demonstram uma característica onde o indivíduo traumatizado sempre retorna à cena traumática, onde é estimulado uma grande angústia, é algo intenso e acaba se sobrepondo nos sonhos (FREUD, 1920/2010).

No entanto, Freud no final do terceiro capítulo desta obra, chegou a uma conclusão, de que na mente humana existe uma forte inclinação à compulsão à repetição, e que ela, à primeira vista, não demonstra estar submetida ao princípio do prazer¹⁰ e, portanto, não corresponderia à pulsão de morte.

De acordo com a teoria freudiana, Simanke (2014), repete a mesma questão que fora elaborada por Freud em relação a compulsão à repetição, onde questiona qual forma o instinto estaria relacionado a compulsão repetição. O autor afirmou que um instinto, seria uma força peculiar do próprio organismo vivo, sendo também de um estado anterior que o organismo vivo deixou devido às interferências de forças perturbadoras que advinha externamente, esclareceu que seria uma espécie

Contudo, Monzani chama atenção ao fato de que quando se considera os argumentos de Freud de maneira isolada, não têm muito valor comprovado. O que lhes daria consistência seria um desencadear, uma série, pois nada poderia comprovar algo, nem as brincadeiras infantis, e nem as neuroses traumáticas, ou até

⁸ As crianças repetem nas brincadeiras o que foi causado um grande registro psíquico ou uma considerável impressão em sua vivência, e na brincadeira do *Fort-da*, mesmo a ausência da mãe sendo um desconforto para a criança, ela ocupou uma posição ativa e atinge um final prazeroso (FREUD, 1920/2010).

⁹ Freud desenvolve um trabalho psicanalítico fundamental sobre o papel do sonho no aparelho psíquico do ser humano. Por motivos metodológicos não abordamos profundamente a temática aqui, porém, se faz necessário apontar que Freud define que os sonhos são cargas emocionais geradoras de imagens e sons armazenadas na instância psíquica do inconsciente e que, através de tais cargas, é possível chegar à emoção mais fundamental responsável por gerar tais representações. Além disso, Freud aponta o conteúdo do sonho como uma *realização de um desejo*. Em sua teoria inicial, a composição onírica possui o *sentido manifesto* ou fachada, que é um despiste frente ao Superego, e o *sentido latente* ou o significado, que, por meio da interpretação simbólica revela o desejo do sonhador que subjaz às narrativas possivelmente absurdas. Para uma investigação mais profunda na temática dos sonhos na psicanálise, ver *A interpretação dos sonhos* (1900) de Sigmund Freud.

¹⁰ A compulsão à repetição, segundo Freud deve ser atribuída ao reprimido do inconsciente, rememorar as experiências do passado que não possibilitam prazer, e que também naquele momento do ocorrido não ter sido satisfatório, advém desde então de conteúdos reprimidos (FREUD, 1920/2010).

cenar que são possíveis presenciar clinicamente. Visto neste sentido, fica notório que esta compulsão estaria sob o controle do princípio do prazer, do qual ela não está livre. Trata-se de uma leitura que indica justamente o caráter mortuário da teoria das pulsões e o sentido declinista que ela atribui ao homem e à civilização. Em virtude do que foi mencionado neste tópico, e dentro dos aspectos acerca da pulsão, no próximo, trataremos da pulsão de morte, repetição e neurose traumática.

2.2 PULSÃO DE MORTE, REPETIÇÃO E NEUROSE TRAUMÁTICA

A partir do que foi explicado anteriormente, compreende-se que toda pulsão de morte tem sua primeira localização de inscrição no aparelho psíquico, no campo do inconsciente, no qual, como já afirmado não há negação. O operador "não" é, na realidade, da ordem do pensamento consciente e da linguagem, isto é, do sistema secundário.

Posto isso, a concepção de morte, sendo fundamentalmente negativa, onde traz a menção de não vida e não viver, não teria chances de se inscrever no inconsciente. Sendo assim, a pulsão de morte não seria possível de ser representável. A expressão pulsão adicionada da expressão de morte, não demonstra ter o mesmo sentido que se encontra nos três ensaios quando aparece a expressão pulsões sexuais¹¹, então, neste caso o que podemos perceber é que há algo mais sendo embutido da expressão “pulsões de morte”.

Se a pulsão de morte é aquilo que está na raiz de todo pulsional, se ela é o mais pulsional da pulsão, talvez seja preciso concordar que esse elemento escapa tanto à consciência quanto ao inconsciente, que desses dois sistemas apenas aprendemos os efeitos daquela raiz, efeito de uma finalidade arcaica e cega, uma espécie de força bruta e mecânica que se instila através de seus derivados. (MONZANI, 2014, p. 213)

Neste aspecto, já para Pontalis, a pulsão de morte se localiza na raiz do campo inconsciente. Ainda neste sentido, Deleuze, falava num instinto de morte. Refletindo

¹¹ O ensejo para o adoecimento apresenta-se à pessoa de disposição histérica quando, em consequência de sua própria maturação progressiva ou das circunstâncias externas de sua vida, as exigências reais do sexo tornam-se algo sério para ela. Entre a premência da pulsão e o antagonismo da renúncia ao sexual situa-se a saída para a doença, que não soluciona o conflito, mas procura escapar a ele pela transformação das aspirações libidinosas em sintomas. Não passa de exceção aparente o fato de uma pessoa histérica, um homem, por exemplo, adoecer por causa de uma emoção banal, de um conflito que não gire em torno de um interesse sexual. Nesses casos, a psicanálise consegue demonstrar regularmente que a doença foi possibilitada pelo componente sexual do conflito, que privou os processos anímicos de uma execução normal (FREUD, 1905, p.102).

sobre isso, Laplanche também colabora ao dizer que nos textos de Freud onde havia uma maior concentração teórica a respeito da pulsão de morte, era constatado a forma mais bruta de seu estado pulsional, não havia representação fixa ou de algum objeto, era um empuxo de força sem direção e autodestruidora.

Diante destas perspectivas, tudo leva a entender que a pulsão de morte não faz parte da vida psíquica (consciente), se localiza no campo inconsciente, mas que de uma forma muito concentrada estaria além do psíquico e produzindo inúmeras atuações neste meio.

De fato, a relação entre prazer e a morte é conhecida e antiga na premissa freudiana. Pensar em pulsão de morte, é fazer referência à *Bindung*, este ato que antecipa o mais primitivo do princípio do prazer.

A Bindung é um ato preparatório [...] ao exercício do princípio do prazer. Enquanto tal, ela não é o princípio do prazer, apenas prepara o terreno para o domínio (senhorio) deste último [...] Em seguida, preparado o terreno, ela introduz o senhor e, num segundo momento, instala-o, assegura-o, confirma-o, consolida-o na sua senhoria. A Bindung transborda, portanto, o senhorio como alicerce de sua condição. Nenhum senhorio (domínio) que não seja introduzido, preparado, é confirmado pela Bindung. (MONZANI, 2014 p.173)

Por esta operação, se faz conectá-la, vincular esta energia pulsional que é reconhecida como invasora, é importante condicioná-la antes dela ser descarregada ou antes mesmo de recalcar, ela precisa antes de tudo entrar no aparelho anímico e que possa estar sujeita às operações fundamentais para que posteriormente seja elaborada e aderida ao aparelho psíquico, e assim dar seguimento aos possíveis destinos. Existe uma função originária para conectá-la e que é motivada pela junção no tempo, e assim promover o evitamento da dor e uma inclinação ao prazer para poder ir constituindo o aparelho psíquico e suas representações.

Entende-se que na falha da *Bindung* a repetição escapa, sendo uma das formas de corresponder à pulsão de morte, portanto, podemos afirmar que este ato preparatório faz a compulsão à repetição se submeter a ele, como, por exemplo, nos sonhos na neurose traumática. Seria uma chance de se conectar e depois descarregar aos poucos as tensões que aparecem de forma excessiva. Sabe-se que na pulsão de morte é revelado o ato de repetição, porém, a pulsão de morte não é a mesma coisa que a compulsão à repetição. No caso da compulsão, é uma das vias de corresponder à pulsão de morte, possuindo traços densos que podem ser atribuídos caracteristicamente à pulsão de morte.

Na obra *Além do princípio do prazer*, a partir do capítulo II, é comentado acerca da neurose traumática, dos sonhos distorcidos e jogos infantis. Estas semelhanças, diante da análise, no caso dos neuróticos, em não se recordar de algum fato justamente por estarem repetindo, ou seja, o indivíduo não se recorda, mas repete. No final do capítulo III, Freud, cuidadosamente sintetiza argumentos que afirma que no psiquismo existe uma força inclinada à compulsão à repetição e que esta não estaria ligada ao princípio do prazer (MONZANI, 2014).

Monzani cita a observação de Freud sobre os comportamentos em série onde havia algo possível de se interpretar:

É a série, enquanto tal, que tem valor probatório. Em si mesmas, as neuroses traumáticas e suas consequências nada provam. Nem as brincadeiras e os jogos infantis. Nem essas estranhas características do neurótico, que no processo de análise, insiste em, no lugar de rememorar, repetir situações. Nem as pessoas acometidas pela neurose do destino, se consideradas isoladamente, provam coisa alguma. Nenhum desses fatos, tomados isoladamente, leva a ponto algum. Mas a relação, ou melhor, seu arranjo, não deixa de ser ilustrativa. Em todos os casos apontados, trata-se de uma atividade que não parece visar diretamente o prazer. (MONZANI, p.151, 2014)

Existem algumas menções baseadas na teoria freudiana acerca da compulsão, é destacado a ligação que tem com a neurose traumática, ambas possuem interação e esclarecem pontos importantes. Mas antes, é fundamental comentar que na fundamentação psicanalítica em relação ao aparelho anímico, a consciência não é uma propriedade essencial dos processos mentais, ela está para reconhecer os estímulos do meio externo e do meio intrínseco o prazer e o desprazer.

Portanto, observa-se que é o traumatismo, então compreendido como um estímulo que vem do meio externo, um trauma que origina externamente ao indivíduo e que sem o indivíduo ter possibilidades de escapes, provoca uma pane na paraexcitação. Nota-se que é traumática toda e qualquer excitação que venha do meio externo desde que seja suficiente para atravessar o escudo protetor. A *paraexcitação*, é um mecanismo que possui sua função e que é regulada pela quantidade de afluxo de estímulos. Posto isto, fica claro que a noção de trauma se torna relativa.

Antes de darmos sequência, lembremos que o autor faz um outro esclarecimento a respeito do traumatismo: o trauma como uma ruptura no corpo do indivíduo. Charcot, citado por Monzani (2014), trouxe a ideia de que a neurose traumática estaria relacionada a grandes catástrofes, as neuroses que vinham então

por consequências destes eventos foram até que relativamente decisivas para o conceito em si.

As manifestações do traumatismo colocam de forma compreensível a maneira como o aparelho psíquico lida com os estímulos recebidos e a maneira que ele consegue neutralizar esses efeitos que perturbam. Assim, ao pensar a maneira que o traumatismo atravessa e ultrapassa o equilíbrio psíquico, que o coloca em pane, Freud observou que o trauma em si nos traz um sentido de que em um dado momento houve um atravessamento de uma determinada barreira e que em outros momentos foi capaz de neutralizar determinado estímulo.

Assim, é possível verificar que no trauma externo, é evidente que a atividade inicial do aparelho psíquico é de vincular esta catexia que o invade e dominá-la psiquicamente, entretanto, uma linha tênue se apresenta, pois aqui se trata de vinculá-las para posteriormente poder liberá-las; esta ideia inclina ao domínio do princípio do prazer. No traumatismo, os atalhos de defesa são acionados e postos em ação, e o gatilho central como operador é para sempre mobilizar a catexia¹² que o indivíduo possui, sendo estas então direcionadas para impedir que a energia invasora penetre.

Este processo não é tão simples quanto possa parecer, pois deve-se levar em conta a necessidade do aparelho psíquico de ter uma reserva de energia estocada para que seja movimentada no momento apropriado. Caso isso não seja possível, um desastre é certo que acontecerá. Mais uma vez, o autor deixa claro que na teoria freudiana acerca da neurose traumática, diferente do traumatismo físico, o que ele sublinha é o traumatismo no órgão da mente (*Seelenorgan*), considerando o susto (*Sreck*), a forma que o indivíduo se percebe no momento da situação traumática (MONZANI, 2014). Monzani ainda esclarece

Com relação ao primeiro ponto, podemos ir um pouco mais longe: se a lesão física for de alta intensidade, isso fará com que o traumatismo psíquico não apareça, pois, essa lesão provocaria uma hipercatexia narcisista do órgão prejudicado, fazendo com que a energia seja mobilizada noutro sentido. O segundo elemento importante na causação do traumatismo psíquico, o susto, merece atenção mais pormenorizada. Além do choque externo, para que a neurose traumática se desencadeie, deve haver um elemento surpresa, de tal maneira que o indivíduo se encontre despreparado. (MONZANI, 2014, p.161)

¹² Freud em 1913 faz menção a uma concentração de energia psíquica em algum objeto, ou investimento de energia libidinal em alguma imagem ou símbolos, sendo um processo de ordem inconsciente.

Nota-se que não houve preparação psíquica para que o indivíduo pudesse neutralizar os mecanismos e defender quando a paraexcitação foi desfeita. Não existiu nenhuma preparação para que a angústia atuasse como um sinalizador para que o indivíduo pudesse se defender, e em consequência disto o estímulo que não tem o preparo que seria necessário não atua e passa a ser inexistente (MONZANI, 2014).

Compreende-se que o susto vem em resposta à falta de preparação para suportar a angústia que aparece, a ausência de hipercatexia dos sistemas que no caso receberia primeiro este impulso, decorrência ao baixo nível de catexia, estes sistemas se desencontram e não conseguem ligar as quantidades afluentes de estímulos. Sempre que existir uma energia invadindo o aparelho anímico, a atividade dele será sempre de vincular essa energia, para dar sequências às outras funções.

O caso da neurose traumática implica que, neste exato momento, o aparelho psíquico esteja operando ou tentando operar essa ligação, e nesse instante, o princípio do prazer é momentaneamente posto fora de ação, porque não se trata de descarregar a energia; antes, é o trabalho preliminar de vinculá-la, de fazer com que a energia deixe escoar e fluir livremente e fixá-la, retê-la, soldá-la, fazendo com que passe do estado de energia livremente móvel para o estado de energia quiescente. (MONZANI, 2014, p. 162)

Monzani cita Derrida, lembrando que na tentativa de dominar esta energia livre que está em movimento, a necessidade de controlar é imprescindível porque é um início para a preparação ao domínio do princípio do prazer. Não existe a possibilidade de afirmar que o princípio do prazer atue antes desta energia ter sido vinculada a algo, pois seria uma atividade fundamental do aparelho psíquico fixar esta energia que o domina. Sempre que ele se percebe invadido no caso de traumatismo, o aparelho psíquico vai funcionar dentro de suas possibilidades primitivas até que ele consiga dar lugar à energia que o invadiu sob a regência do princípio do prazer (MONZANI, 2014).

Ao se tratar da neurose traumática¹³, Freud deu sua explicação tal como um quadro já estabelecido, onde se caracteriza por uma forma de sofrimento subjetivo depressivo, que se aproxima do estado melancólico ou até mesmo das preocupações hipocondríacas. Outra característica que se destaca neste quadro é a timidez que o indivíduo apresenta para a execução de diversas atividades; é justamente aqui que Freud se atenta à fixação do trauma que se manifesta nos sintomas, inclusive nos

¹³ O quadro da neurose traumática avizinha-se ao da histeria por sua riqueza de sintomas motores semelhantes, mas supera-o normalmente nos sinais bastante desenvolvidos de sofrimento subjetivo, como uma hipocondria ou melancolia, e nas evidências de um mais amplo enfraquecimento e transtorno das funções psíquicas (FREUD, 1920/2010 p.168)

sintomas de repetição no indivíduo. Estas repetições podem ser lembranças alucinatórias da cena traumática, ou como nos sonhos repetidos que emergem de forma distorcida.

O mais curioso ainda, ressalta o autor, é que nos quadros de neurose traumática, por mais que tudo esteja se apresentando de forma catastrófica para o indivíduo, é fundamental que não tenha ocorrido uma lesão física, uma ruptura no físico para que assim a neurose traumática possa se instalar. Quando ocorre uma ruptura no físico, a possibilidade de instaurar a neurose traumática é dificultada, e esta lesão exerceria como uma defesa para o surgimento da neurose traumática.

Em 1919¹⁴, numa publicação acerca das neuroses de guerra, Freud já ressaltava que as neuroses de guerra eram uma espécie de neurose traumática em decorrência de um conflito no ego, e tais conflitos fazem referências à conflitos que não possuem quaisquer obediências ao aparelho psíquico, simplesmente surgem sem submissão à regra alguma. Dois pontos importantes é que em ambas as neuroses, a de guerra e a de transferência, por mais que existam contingências externas que coloquem o indivíduo em risco, o autor cita que o medo definitivamente é de origem interna.

Nas neuroses traumáticas e de guerra, o ego humano defende-se de um perigo que o ameaça de fora ou que está incorporado a uma forma assumida pelo próprio ego. Nas neuroses de transferências, em época de paz, o inimigo do qual o ego se defende é, na verdade, a libido, cujas exigências lhe parecem ameaçadores. Em ambos os casos, o ego tem medo de ser prejudicado- no segundo caso, pela libido, e no primeiro caso, pela violência externa. De fato, poder-se-ia dizer que, no caso das neuroses de guerra, em contraste com as neuroses traumáticas puras e de modo semelhante às neuroses de transferência, o que é temido é, não obstante, um inimigo interno. (MONZANI, 2014, p. 165)

Dessa forma, compreende-se que quando não existe um trauma físico na neurose traumática, o indivíduo não está livre da libido que pode o invadir e angustiar, onde, qualquer evento que o indivíduo pudesse passar e que fosse intenso para ele, que ultrapassasse a barreira que limita, viria a causar uma excitação de ordem sexual e que seria reproduzida de forma mecânica, e como prova real disto, Freud em 1924¹⁵, falou sobre o masoquismo e esta teoria permanece inalterada até hoje.

¹⁴ Há outra coisa, nas neuroses de guerra é a neurose traumática, que sabiamente ocorre também durante a paz, depois de um choque e de acidentes graves, sem nenhuma relação com um conflito do Eu. (FREUD, 1920/2010).

¹⁵ Há uma tendência masoquista na vida instintual do indivíduo que pode ser colocada como misteriosa, partindo deste ponto de vista econômico. No caso dos processos mentais são subordinados pelo princípio de prazer, de maneira que o seu primeiro objetivo é desviar-se do desprazer e a obter o prazer.

Quando ocorre um acidente, o aparelho psíquico passa por um susto e no mesmo momento do impacto psíquico há liberação de libido sexual, e esta libido fica livre por não encontrar um recurso emocional para que possa se acalmar. Esta catexia livre quando não se ancora em um canal, por exemplo, é reverberada em forma de angústia, sendo esta uma invasora afetiva, uma soma de excitação que aparece de forma problemática para o aparelho anímico no caso de traumas graves sem lesão física, isto é, aqui está o inimigo interno que Freud sinaliza anteriormente, a forma que o indivíduo é tocado pode fazer esta energia psíquica escoar embutida em si um efeito de ordem traumática.

Vejamos, não se trata do acidente, ou do choque em si que vai mensurar a quantidade de energia livre do aparelho psíquico. O que desencadeia o trauma é o afluxo pulsional interno, é justamente neste ponto que o trauma acontece. Em contrapartida, quando ocorre um trauma físico grave, existe uma quantidade de energia que é constante e que pode fazer uma hipercatexia do órgão que foi lesionado, para que, dessa forma, quando ocorra esse desvio de catexia para a recuperação do órgão, a neurose traumática não se instale.

Em 1926¹⁶, em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud usou pela primeira vez o termo “dor corporal”. O autor comenta que a dor corporal acontece quando um impulso ultrapassa a barreira protetora e a energia anticatexia é acionada para bloqueá-la, de modo tal, na iminência da dor corporal, passa a existir um aumento da energia narcísica do órgão ou local que sofreu o trauma. Isto é, na ocorrência de uma dor intensa, ocorre um desvio psíquico que, uma vez impulsionado por outros motivos e interesses, faz com que a intensidade da dor diminua; e a transitoriedade da dor física para a dor psíquica ocorre em decorrência da energia narcísica para a energia de objeto.

Se o sofrimento traz desconforto podem não ser simplesmente advertências, mas, em realidade, objetivos, o princípio de prazer é paralisado - é como se o vigia de nossa atividade mental fosse colocado externamente de ação por uma droga (FREUD, 1924/1996).

¹⁶ Na obra "Inibição, sintoma e angústia" (1926/1996), Freud esclarece a distinção entre dor corporal, dor física, dor mental e dor narcísica e somado a isso, no "Projeto de 1895, ele também diferencia a dor do sofrimento, desprazer e angústia e sinaliza a relação que esses desconfortos têm com o desamparo. Toda dor seja física ou não reverbera no aparelho psíquico, e o sofrimento psíquico também é acompanhado de sensações corporais. A dor pode ser considerada universal, mas a sensação é singular em cada indivíduo. O único ponto que se pode afirmar é que a dor vem num primeiro momento como algo regular de um estímulo a priori, e posteriormente transpassa a periferia por via de atalhos do escudo protetor contra essas forças invasoras, passando assim a atuar como um estímulo instintual de forma constante, contudo a ação muscular aqui não exerce um efeito considerável (FREUD 1926/1996).

Neste ponto, o interesse de Freud é a passagem da dor corporal para a dor psíquica e, nestes dois casos, o ponto de vista econômico do aparelho anímico é o mesmo, ou seja, a atividade psíquica é demandada nos dois casos, porém, o autor sublinha que na ruptura a dor corporal passa a não ter relevância comparada à dor psíquica.

Em função disso, é importante comentar brevemente sobre o caso do pequeno Hans. Antes mesmo de sua angústia se tornar maciça em relação a cavalos, uma carga pulsional invade o indivíduo, onde acaba por se perceber tomado por esta energia. O importante aqui, é compreender a importância do momento em que ocorre a ultrapassagem da barreira egóica, que, segundo Freud, acontece devido ao fato de os impulsos originários das pulsões, não estão ligados aos processos nervosos, no entanto, estão ligados aos meios que são móveis, dinâmicos e acabam por pressionar inclinando a uma descarga, uma vez que os processos pré-conscientes e conscientes são totalmente distintos dos processos inconscientes, e é neste último que ocorre um regulamento das pulsões (MONZANI, 2014).

É percebido que as catexias são transportadas e condensadas. Isso ocorre no processo primário do aparelho psíquico de forma livre, como definiu Breuer, trazendo uma ideia de catexia livre e móvel que procura se vincular, e quando isso não é possível, a falha entra em cena.

Um fracasso em efetuar essa sujeição provocaria um distúrbio análogo a uma neurose traumática, e somente após haver sido efetuada é que seria possível a dominância do princípio do prazer (e de sua modificação, o princípio da realidade) avançar sem obstáculos. Até então, a outra tarefa do aparelho mental, a tarefa de dominar ou sujeitar a excitação, teria precedência, na verdade, em oposição ao princípio de prazer, mas independentemente dele e, até certo ponto, desprezando-o. (MONZANI, 2014, p. 171)

Nas neuroses traumáticas, é conhecida pelo indivíduo uma cena como um modelo original, e então se faz possível uma menção ou uma relação acerca da compulsão à repetição e da pulsão de morte. Monzani cita uma espécie de caráter demoníaco sobre a pulsão de morte tendo a repetição como uma das maneiras de se “soldar” a pulsão de morte. Neste caso, tanto as situações dos jogos infantis como no caso da neurose traumática, ambos estão conectados ao princípio do prazer, visando neutralizar a energia invasora no aparato anímico, entretanto, nas situações de repetição transferencial ou neurose de destino estão em posição contrária ao princípio do prazer.

Observa-se um paciente em seu processo analítico, o qual comporta-se de uma forma infantil e regredida, denunciando que os registros infantis reprimidos e suas experiências primevas não se encontram nele, quando na realidade, não conseguem se submeter a um processo secundário. A respeito de *Além do princípio do prazer*, Monzani comenta que Freud se dedicou a identificar várias vezes a mola propulsora da compulsão à repetição, mas encontrava outras explicações para o fenômeno, como no caso da repetição transferencial que não possui relação com o princípio do prazer, ou seja, acaba escapando e fazendo parte de outro contexto que a compulsão não é encontrada de forma pura em sua essência.

É notório a precisão de Freud quando menciona a repetição transferencial, dizendo que esta possui uma ligação aos acontecimentos da sexualidade infantil e do Édipo, pois as repetições que aparecem de maneira indesejada na vida do indivíduo, está relacionada à vida sexual infantil e ao complexo de Édipo, e são transferidas no âmbito das relações entre analista e paciente. A repetição em si é uma das marcas do funcionamento do inconsciente e a forma em que é movimentado seus conteúdos.

Compreende-se que a pulsão por si só apresenta um traço muito primitivo característico da própria pulsão, então é possível afirmar que a repetição tem sua característica de um traço arcaico, que faz por repetir algo de um estado originário, almejando um aniquilamento, um fim. Chega a parecer uma contradição quando o autor comenta que a pulsão é considerada um impulso originado no interior do organismo animado, e que almeja uma reparação de um modo a priori ao qual o indivíduo precisou abdicar porque algo o perturbava, quando na realidade ela está inclinada à inércia na vida orgânica.

As pulsões se demonstram como algo que foi arranjado na linha do tempo do indivíduo, sempre inclinada ao alvo de restabelecimento a um estado anterior, que por alguma motivação se afasta e propende-se a retornar. É possível perceber que todo inorgânico origina o orgânico, sendo aquele o objetivo de todo ser vivo - retornar ao inorgânico; de modo que todo organismo se inclina e deseja se aniquilar de sua própria maneira, ele não investe de forma sofisticada para atingir seu objetivo, simplesmente atua submisso a uma condição que é autodestrutiva e própria.

O alvo que as pulsões visam é um estado ausente de excitabilidade, e para alcançar este estado, é necessário que um esvaziamento seja feito de toda energia alcançando assim o estado mortífero. Monzani comenta que Freud, em sua obra de 1920, demonstrava uma teoria satisfatória em relação à psicanálise, no entanto,

chamou atenção por colocar em pauta a forma de funcionamento econômico do psiquismo. Somado a isto, em 1900, no texto *A interpretação dos sonhos*, Freud nomeou como o princípio do desprazer e toda sua tratativa, está pautada em um ponto de vista econômico.

Existem várias maneiras da tensão se acumular, e isso não está ligado ao sentido de prazer e sim de desprazer. Esta operação coloca o aparelho psíquico em ação com o intuito de rescindir uma vivência que trouxera uma satisfação e consequentemente uma diminuição ou até mesmo um corte na excitação que até então foi sentida como prazerosa, todo acúmulo de energia é sentido pelo aparelho psíquico como desprazer e sua manobra é sempre se livrar dessa energia invasora.

Este excesso que traz desconforto, este funcionamento, pode ser um regulador dos processos mentais se conseguir dominar parte dos movimentos mentais à medida que vai acontecendo, como dito acima, como o ato da *Bindung* que prepara o aparelho psíquico para receber a energia que o invade¹⁷, como o próprio Freud nos ensinou em relação ao prazer, de fato não o buscamos, mas sim fugimos dele.

Conforme já foi comentado acima, o aparato anímico visa se livrar de qualquer estímulo que possa invadi-lo, e somado a esta afirmação a metapsicologia traz um fragmento de texto, reiterando que o sistema nervoso é um instrumento onde as funções estão para afastar toda energia que nele é infiltrada, dirigindo assim ao mais baixo nível de catexia, e mais, visa manutenção de um estado exigente de não excitação.

2.3 INÉRCIA NEURONAL E CONCEPÇÃO DECLINISTA DO APARELHO PSÍQUICO

Levando em consideração os aspectos que foram discutidos até o momento, agora abordaremos sobre a inércia neuronal e a teoria declinista no psiquismo, ao passo que, segundo Monzani, Freud não deixa dúvidas quando comenta da tendência à descarga energética:

O princípio é formulado com uma precisão absoluta e afirma que o sistema tem por alvo “atingir um nível zero” (de tensão) = 0. Trata-se, portanto, para

¹⁷ “Angústia” designa um estado como de expectativa do perigo e preparação para ele, ainda que seja desconhecido; “medo” requer um determinado objeto, ante o qual nos amedrontam; mas “terror” se denomina o estado em que ficamos ao correr um perigo sem estarmos para ele preparados, enfatiza o fator da surpresa (FREUD, 1920/2010 p.169).

cada neurônio e para o sistema inteiro deles, de se esvaziar, de uma evacuação completa e total. Se aceitarmos a engenhosa, mas pertinente, identificação operada por Laplanche entre neurônio e representação, de um lado, e quantidade e elemento último do afeto, de outro, pode-se dizer que a tendências desse aparelho é evacuar totalmente esse afeto. (MONZANI, 2014, p. 192)

O autor comenta também a respeito da análise dos sonhos, onde possivelmente encontramos inúmeros deslocamentos múltiplos, condensações maciças, revelando um circular de algo que não estanca e se movimenta livremente. O autor cita como sendo um *trottoir* que não possui freio por meio das representações, este movimento faz parte do processo primário, e com isso podemos perceber seguramente que o funcionamento deste sistema em questão é regido pelo princípio de um total esvaziamento.

No entanto, algumas observações são importantes de marcar aqui: os processos primários não são regidos de forma pura por este princípio, pois se aproximavam dos processos secundários. Além disso, os processos primários padecem desde o princípio da retenção energética, como comentamos anteriormente no caso da *Bindung*. Um movimento primário, e homogêneo isento de qualquer interferência é uma fantasia teórica como afirma Monzani, e somado a isso, o organismo é um sistema nervoso e se funcionasse inteiramente desta forma, seria de certa maneira um funcionamento impossível. “O princípio da inércia, não tem absolutamente nada a ver com a manutenção da ordem vital. Ele é rigorosamente falando, um princípio de atividade: sua realização completa, plena e integral, desemboca na morte.” (MONZANI, 2014, p. 193)

A constância inercial introduzida, nos é apresentada com alguns pontos importantes, sendo em primeiro lugar a diferenciação de constância e inércia, colocada de forma que não existindo a possibilidade de zerar a tensão, busca-se alcançar um nível mínimo de energia. Assim, prevalece o ideal de inércia, enquanto a constância e a função secundária, estão atreladas a manter determinado nível tensional, uma espécie de energia em estoque, e assim se movimenta de forma livre para uma forma quiescente. A origem desta energia estocada advém de estímulos internos que atuam diretamente no aparelho psíquico, e geralmente não há nenhuma barreira protetora que facilite ou aplaque essa energia que o estimula.

Em terceiro lugar, o autor comenta sobre o texto *Projeto de uma psicologia*¹⁸, e ressalva que o prazer, a inércia e a constância estão intimamente interligadas. Neste caso, o aparelho visa evitar o aumento de tensão quantitativa logo que é percebido como desprazer, ou seja, o aumento de prazer e desprazer são considerados uma mesma atividade, inclusive a neuronal. Portanto, fugir diante de um desprazer, seria uma maneira de expor a inclinação primária à inércia. Como já foi comentado acima, a propensão da atividade e da vida psíquica é sempre evitar o desprazer, o nível de prazer neste caso seria aumentado, ou um aumento de pressão, e o prazer seria então uma descarga dessa energia acumulada.

Outro ponto a ser comentado, faz menção a toda catexia estocada no núcleo do aparelho anímico que advém dos estímulos internos e vai infiltrando no aparelho de forma a se fazer presente de maneira mais interligada, formando assim um sistema de nível energético maior do que o que até então estava em sua volta. Tem-se aqui uma característica importante, ser um processo catexizado onde a energia não flui de forma livre, este sistema nomeado por Freud de Eu, também apresenta uma plasticidade em absorver a energia que se movimenta nele livremente.

Portanto, o Eu, em si, é representado como um complexo que possui sua ordem e mantém sua conexão através da energia que o liga, possui um tecido neuronal que mantém fixa a catexia no momento que estão ligadas. Esta ligação e toda estrutura que o Eu apresenta, possui suas funções sendo a principal a inibição, que está pronta para bloquear o fluxo livre de energia até seu final. Até porque a inibição em si possui sua forma de operação própria, analisando o movimento que um neurônio faz partindo de um ponto qualquer em direção a uma barreira de contato, todo o caminho que ele fizer, vai depender na descarga endógena e da intensidade relacionada às facilitações.

Se uma célula nervosa estiver energizada de forma simultânea, desta maneira ocorre uma movimentação facilitadora e temporária das barreiras protetoras alterando o curso da corrente. A propósito, é a função da organização neuronal, catexia e corrente, impedir o fluxo da energia própria do processo primário e instaurar assim outros processos mais atenuados que dominem a energia, usando-a de maneira organizada e descarregando de forma adequada.

¹⁸ Ao estudar com mais detalhes o interior do sistema nervoso, é possível perceber que a tendência é sempre manter-se um esvaziamento de energia seja ela prazerosa ou desprazerosa (FREUD 1985/1995).

É interessante observar a forma que o *Projeto de uma psicologia* nos apresenta esses fenômenos. Por exemplo, quando Monzani cita esta obra ele coloca uma situação na qual podemos supor dois condutores se cruzando, o primeiro deles está inclinado à inércia e o segundo simboliza o susto dos estímulos endógenos que são antecessores da pulsão, conseqüentemente, todo este processo visa com que o aparelho mantenha o mínimo de energia possível, e o que estiver seja de forma minimamente necessária.

Este segundo momento é a gênese de uma organização harmônica e que está ligada e vinculada, *a posteriori*, vista como um terceiro momento deste processo, todo desenvolvimento produzirá efeitos de conexão cada vez maiores dos processos psíquicos primários pelos processos secundários, tendo em vista que é através da defesa primária que vai ter uma garantia acerca do bom funcionamento do sistema.

Monzani, ao citar Freud, nota de maneira clara e evidente que o prazer está vinculado de forma direta ou indireta numa posição de submissão ao trabalho de regulação inercial, mortífera de fato. Algumas diferenças são também importantes de serem colocadas a respeito do princípio do prazer; o prazer por si só, desde o *Projeto de uma psicologia* já é colocado como algo que norteia, que orienta o aparelho psíquico para uma descarga da energia que o acomete causando-lhe o desprazer.

O autor comenta que no capítulo VII de *Além do princípio do prazer*, Freud explica duas formas diferentes de ver a questão sobre o prazer e a maneira que é operada a relação entre a repetição e o princípio de prazer:

Freud, discutindo a questão, levanta o problema de saber se os sentimentos de prazer e de desprazer são também produzidos nos processos psíquicos primários. e a resposta é inequívoca: não só ambos os sentimentos têm lugar no domínio dos processos primários, como também coisa curiosa, esses sentimentos são muito mais intensos nesse estado do que quando há vinculação da energia e a passagem conseqüente para os processos secundários: E não parece haver qualquer dúvida de que os processos livres ou primários dão origem a sentimentos muito mais intensos em ambos os sentidos do que os vinculados ou secundários. (MONZANI, 2014, p.198)

No momento em que ocorre a máxima prazerosa, como uma elevação altíssima de prazer como no ato sexual, fica demonstrado o quanto a eliminação de toda energia é fundamental e sempre tende a ser escoada totalmente. Monzani (2014) cita Derrida, e coloca que dessa moderação progressiva que a inclinação ao prazer e ao desprazer se apropria do estatuto de um princípio dominante.

Nas leituras em Freud, o autor comenta que o princípio do prazer apresenta uma dualidade, que a referência à constância de forma direta ou indireta é fazer

menção à questão inercial, seria apenas mais uma exigência da natureza viva, mas que não estaria relacionada com ela e sim com o declínio, a inércia propriamente dita, pois o prazer está se movimentando constantemente para a evacuação completa ou incompleta da energia disponível, e mesmo que todo esforço da vida esteja em movimento, atua claramente o retorno ao estado inorgânico, e com isso é notório que o princípio de prazer se coloca à disposição das pulsões de morte.

Não obstante, já nos é familiar que a predisposição à inexcitabilidade total é um dos pontos fundamentais nos escritos freudianos. Ela permeia sua obra de um ponto ao outro, e está seguramente fundamentada na menção declinista e mortuária. Quando se tem ciência do poder mortífero, surge então um outro polo - com uma força considerável -, que é a vida, no caso, Eros, curiosamente representando as pulsões que a pulsão de morte almeja aniquilar.

Por mais que este estudo esteja baseado nas questões inerciais e declinista, o autor faz uma ressalva em relação à vida, afirma que a vida em si precisará de um quantum mínimo de tensão, uma energia que possa estar ligada. Lembremos da *Bindung* somada à obra de Eros. Recordemos que a cultura e a civilização são também respostas de uma conexão, uma ligação onde Eros inventa novas formas de civilizações que, de certa forma, atravessam os indivíduos. Assim, o autor ainda afirma que a abertura do princípio do prazer pode ser entendida como resposta de uma mistura de pulsões entre Eros e Tanatos, demonstra que o princípio do prazer é claramente a fusão pulsional onde as duas pulsões são atendidas, mas não são atendidas totalmente (MONZANI, 2014).

Vale comentar que a lei geral de todo movimento é a inércia, o que parece contraditório, pois mesmo no *Projeto para uma psicologia científica*, conseguimos ver ainda mais as questões que se referem ao funcionamento neuronal, onde o autor explica que os neurônios são como partículas de matérias, partículas estas que encontramos forças internas que buscam o equilíbrio.

Inclusive, todo escoamento necessário que o aparelho psíquico procura fazer para se manter livre de qualquer energia, ou manter o mínimo de energia possível armazenada, vai por caminhos pré-determinados, por mais que ele precise eliminar a tensão, não é por qualquer caminho e nem de qualquer maneira que se elimina (Gabbi Jr, 1995).

Sobre a inércia, no primeiro momento, podemos falar de sua estrutura bipartida dos tecidos nervosos que de certa forma tentam impedir a entrada de energia que o

próprio organismo gera, ou seja, o movimento da inércia faz com que o organismo tenha um reflexo diante de tal invasão. Ao ocorrer uma mudança referente à quantidade de energia é identificado como uma invasão estranha no interior do organismo, e esta força que invade é deslocada pela área sensorial e transmitida para a parte motora que a percebe como um choque, um susto. O sistema nervoso primário manipula esta energia invasora por meio de uma conexão com mecanismos motores musculares a fim de obter uma manutenção sem estímulos, sendo esta a função primária, os excessos são eliminados.

Existe, entretanto, ainda uma quebra, uma fissura e a inércia deixa de ser total nos casos das necessidades que emergem do interior do organismo, onde o próprio sistema nervoso recebe excitações e que devem ser saciados como o caso da fome, respiração e a vida sexual. Destas excitações, dificilmente existirá uma possibilidade de fuga, onde, a maneira de acabar com elas, é tão somente através de uma ação do meio externo e de maneira específica, já que existe uma necessidade de uma satisfação independente, pois se trata de necessidades vitais. Após os aspectos que foram observados neste capítulo, a seguir abordaremos a teoria sexual e neuronal.

3 TEORIA NEURONAL E TEORIA SEXUAL NA VISÃO FREUDIANA: PERSPECTIVA MECÂNICA E BIOLÓGICA

3.1 ESTRUTURA CELULAR PERMEÁVEL E IMPERMEÁVEL DO SISTEMA NERVOSO

Para termos uma compreensão maior acerca do problema desta pesquisa, nesta seção será apresentada a composição neurológica do aparelho neural que é composto por tecidos e estes tecidos por células nervosas, os neurônios, sendo compostos de características e desempenhos diferentes, podendo ser semelhantes no que diz respeito à estrutura, no entanto, vamos ver que existem diferenças entre eles inclusive as formas distintas que se processam no organismo. Ao entrar em contato no conglomerado de células nervosas, os neurônios recebem e transmitem por meio de seus filamentos celulares, por meios de cilindros do eixo, numa cadeia numerosa ramificada com calibres diferentes.

Já a teoria sobre as “barreiras de contato” entre os neurônios, diz respeito a uma característica ímpar e fundamental referente ao tecido nervoso. Trata-se da

memória, ou seja, da possibilidade de ser alterada definitivamente por processos únicos e que nos transmite uma contraposição significativa relacionado ao comportamento de um corpo que permite passar por um movimento ondulatório e posteriormente retornar ao estado inicial que é o *estado inercial*.

Ora, toda explicação desse tipo tropeça com a dificuldade de que tem de supor, por um lado que os neurônios, após a excitação, sejam permanentemente diferentes de antes, enquanto que não se pode negar que as novas excitações choquem-se, em geral, com as mesmas condições de recepção que as anteriores. Portanto, os neurônios deveriam ser não só influenciados como também permanecer inalterados, imparciais. (Gabbi Jr., 1995, p. 13)

Difícil seria pensar que um aparelho tão potente, teria um funcionamento complexo. No entanto, o autor, baseado nos estudos de Freud sobre a neurologia, coloca a existência de duas classes neuronais a partir da chamada barreira de contato. A primeira classe de neurônios é composta de neurônios que permitem uma passagem de energia, cujo símbolo de energia é o Qn' , como proposto por Freud. Eles comportam-se de forma que ignoram uma barreira de contato, como se realmente não existisse um impeditivo, e posteriormente retornam ao seu estado anterior.

No entanto, o outro agrupamento neuronal que de fato faz valer a barreira de contato, se comporta de forma oposta à dos neurônios citados anteriormente; estes não permitem a passagem da Qn' . Se acontece a passagem é de forma dificultosa e parcial. Nesta sequência, o autor apresenta as distinções entre os neurônios permeáveis (X) e os impermeáveis (Y). De uma forma esquemática. Segundo Gabbi Jr (1995):

neurônio permeável (X)	neurônio impermeável (Y)
- considerados tais como células nervosas que são opostas as resistências, não seguram nenhuma energia armazenada; - estão para as percepções;	- Consideradas tais como células nervosas que são tomados por resistências; - Bloqueiam a Qn'; - Estão para a memória e as movimentações psíquicas de uma maneira total;

O autor também comenta que Freud coloca a identificação entre as células nervosas sendo então as perceptivas, os neurônios impermeáveis; e os neurônios da memória¹⁹, os neurônios permeáveis. A distinção entre eles, neste primeiro momento, está em sua permeabilidade e impermeabilidade, ou seja, está para a energia que recai sobre cada célula nervosa. Sendo um permeável e o outro impermeável, o psiquismo em si é estruturado de uma forma funcionalmente quantitativa.

Ao se aprofundar mais no interior do aparelho psíquico, encontra-se uma menor quantidade e menor distinção entre repouso e movimento, onde, os neurônios permeáveis estão submetidos ao funcionamento de tal forma que não retêm nenhuma energia e, ao passar a carga energética, o movimento retorna ao seu ponto inicial que é a inércia, sendo assim, a célula nervosa permeável está submetida ao regime inercial obedecendo a este sistema. Estas células nervosas, após serem atravessadas por uma quantidade energética, mantêm uma conservação para assim conseguir corresponder ao estímulo de sobrevivência, termo que o autor coloca e denomina como princípio de constância.

Sobretudo, existe um detalhamento importante a fim de esclarecer hipóteses relevantes acerca dos neurônios impermeáveis. De certa maneira e de forma definitiva, eles são modificados em um percurso de estímulos, isto somado à teoria da barreira de contato, quer dizer que deslizam em um estado de modificação permanente. À medida que as vivências ocorrem, se dá uma super aprendizagem, podendo tornar o neurônio mais permeável.

Quando estão mais facilitadas, os neurônios considerados impermeáveis vão se aproximando das características dos permeáveis, e, devido ao nível de facilitação que ocorre entre o tecido nervoso, o autor afirma que a memória é demonstrada através das disposições que existem entre os neurônios. Se caso as barreiras de contato estivessem mais acessíveis e facilitadas, teríamos características da memória, as quais se apresentariam nas distinções e nas facilitações entre as células nervosas. Isto posto, a acessibilidade dos neurônios impermeáveis depende das experiências psicológicas.

A memória tem um domínio de efetividade contínua acerca de uma experiência, um fator chamado de “grandeza de impressão” e de quantas vezes foi

¹⁹ A teoria freudiana baseia-se na oposição entre os sistemas percepção-memória. Enquanto o primeiro está principalmente ligado à consciência, o segundo está principalmente ligado ao inconsciente (GREEN, 2005, p. 39)

vivenciado tal experiência e por quantas vezes essa experiência se reviveu, ou seja, a impressão que se tem, depende também de quantas vezes essa passagem de Qn' se repetiu. Toda memória traz embutida a permissibilidade em atuar sobre o movimento psíquico, apenas temos que pensar: ao que está sobreposta e o que a organiza? Os resultados estão baseados na quantidade, as experiências mais consideráveis são as que fixam de maneira definitiva em meios que podem ser eliminados.

Nas demandas no campo da memória dentro da teoria das barreiras de contato, existe um fator que designa a todo neurônio impermeável vários meios de se conectarem com outras células nervosas. Então, vários contatos surgem com essas barreiras neste momento, e então surge a possibilidade de escolha que é definida pela facilidade. Desta maneira, fica claro que as facilitações operantes de uma barreira de contato agem independentes das outras barreiras da mesma célula nervosa, essas facilitações são as escolhas de meios pela qual a Qn' percorre de maneira fluida, sem nenhum impedimento. Como diz o autor:

Disto se pode extrair uma conclusão negativa sobre a natureza do estado "facilitado". Se se pensar em um neurônio preenchido com a Qn', portanto, ocupado, só se pode supor que esta Q [sic] seja uniforme em todas as regiões do neurônio, por conseguinte, também em todas as barreiras de contato do mesmo. Em compensação, não há nenhuma dificuldade em representar-se que no caso da Qn' fluente só seja tomado um determinado caminho através do neurônio, de modo que apenas uma barreira de contato esteja submetida à influência da Qn' fluente, e depois disso ter-se-ia a facilitação como sobra (GABBI JR., 1995, p. 15).

A facilitação não é autorizada a ter seu eixo em uma ocupação que seja impedido. Nesta situação, não se obteriam resultados diferentes de facilitações das barreiras de contato sobre uma mesma célula nervosa.

3.2 ENTENDIMENTO ENTRE O PONTO DE VISTA BIOLÓGICO E MECÂNICO

Com a possibilidade de duas classificações neuronais, os impermeáveis e os permeáveis, pode-se afirmar acerca de uma habilidade do sistema nervoso, a de segurar a energia para si, reter e se manter aberto a receber; toda retenção estaria no campo dos neurônios impermeáveis.

Toda aquisição psíquica consistiria, então, na articulação do sistema ψ^{20} através de um cancelamento parcial e topicamente determinado da

²⁰ simbologia que qualifica elementos impermeáveis;

resistência nas barreiras de contato, o que diferencia Φ^{21} de Ψ . Com o progresso dessa articulação, o frescor receptivo do sistema Ψ teria encontrado, com efeito, uma barreira. (GABBI JR., 1995, p. 16)

O autor coloca um questionamento: de onde mais seria possível retirar uma compreensão acerca da divisão das classes neuronais? O esclarecimento vem logo na sequência: encontramos a resposta no desenvolvimento biológico do sistema nervoso, onde tudo se originou de forma pouco a pouco. Sendo assim, o sistema nervoso, desde o seu começo teria ganhado duas funções: a primeira receber os estímulos externos e a segunda dispensar as excitações internas que são originadas endogenamente, desta segunda originou a compulsão para o desenvolvimento biológico posterior.

Observa-se que os sistemas de neurônios permeáveis e impermeáveis seriam sistemas que assumiram essas atribuições primárias. O sistema neuronal permeável seria um conglomerado de células nervosas permeáveis que captam os estímulos externos, e o conglomerado impermeável desempenha um movimento que barraria os neurônios que recebem as excitações endógenas. É conhecido, pela anatomia de uma célula nervosa, tal como sua substância cinzenta da medula espinhal, célula ímpar que está em conexão com o meio externo, e um outro também de substância cinzenta do cérebro que não tem conexões periféricas diretas, mas tem para si uma tarefa que está inclinada ao desenvolvimento do sistema nervoso e das funções psíquicas (Gabbi Jr, 1995).

O autor coloca uma questão para outros estudiosos que talvez não tenham dado muito destaque em um ponto crucial da origem biológica, a importância biológica originária do cérebro primário, que estaria pautada em um gânglio simpático. Então, neste momento aparece a primeira possibilidade de testar a teoria com um material que Freud procurou escrever suas fundamentações e assim poder esclarecer sobre a gênese desses dois sistemas.

Após as análises biológicas iniciais, é possível entender o motivo por que o sistema de neurônios impermeáveis está submisso a um processo de desenvolvimento e multiplicação inclinado ao acúmulo de energia. A justificativa se dá por essas células impermeáveis que estão submissas ao desenvolvimento posterior por multiplicação de neurônios e acúmulo energético. Nesse sentido, há dois questionamentos: 1) Por qual meio os neurônios impermeáveis atingiram sua

²¹ simbologia que qualifica elementos permeáveis;

faculdade de impermeabilidade? 2) Por que os permeáveis, que também possuem barreira de contato, não exercem nenhum papel e nos impermeáveis a barreira de contato é atuante?”

Existe a hipótese de uma distinção originária na serventia de contato entre os permeáveis e impermeáveis, de que obteriam um traço precário. No entanto, se pensarmos em termos darwinistas, existe a ideia de obrigatoriedade dos neurônios impermeáveis e, posteriormente a sobrevivência deles. Entretanto, uma outra possibilidade e até parece mais positiva, é que as barreiras de contato dos neurônios impermeáveis estão submissas, até porque a justificativa vem da oportunidade que a energia circulante está facilitando-a; de forma tal, quanto mais energia neuronal neste percurso, maior seria a facilidade, ou seja, a análise aqui diz respeito não somente à distinção neuronal, mas sim à quantidade de excitação que cada neurônio teria que lidar.

Aqui, um outro entendimento nos é possível, onde, a quantidade de energia que está sobre os permeáveis possam ser a barreira de contato oposta a eles e não esteja sendo levada em consideração; e a quantidade de energia que vai até os neurônios impermeáveis seja uma resistência, o neurônio permeável seria então impermeável e o neurônio impermeável seria permeável, havendo uma troca, embora eles manteriam suas características, por que, no caso do neurônio permeável, se encontra ligado com a periferia do sistema nervoso, enquanto o neurônio impermeável está diretamente ligado com o interior do organismo, a distinção de base aqui está sendo substituída por mudança de destino e lugar.

Conforme mencionado anteriormente, compreende-se que o mundo externo é a origem de inúmeras excitações. Retomemos ao conhecimento da física, que nos mostra um estímulo massificado que incita um movimento muito considerável. O sistema permeável que está inclinado para o meio externo, terá a função de descarregar com maior agilidade possível as energias neuronais que infiltram nos neurônios, diferente dos neurônios impermeáveis que não possuem nenhuma ligação com o meio externo, apenas com o interior do organismo e estão constantemente recebendo energia.

No entanto, pode ser confuso atribuímos aos neurônios impermeáveis a origem de estímulos distintos dos permeáveis. Neste ponto colabora de maneira clara a nova histologia do sistema nervoso, ao nos apresentar que a terminação neuronal e a ligação mais neuronal são formadas da mesma forma que nos elementos do corpo.

Existe também a possibilidade que o funcionamento de ambos os fenômenos seja oriundo de uma mesma classificação.

É notório que a biologia aparece com frequência nos estudos freudianos, ampliando a compreensão acerca do funcionamento neuronal e nos trazendo algumas ideias como foram mencionadas anteriormente, no entanto, não podemos afirmar que mesmo no *Projeto de uma psicologia* essas teorias foram completamente exploradas. Em seus escritos, Freud se inclinou às teorias pulsionais e são dirigidas aos *questionamentos* pulsionais, onde a psicanálise vem embutida numa ação de colaboração com a biologia.

Desta forma, em 1920, a pulsão foi reafirmada no centro do sistema, sendo uma das forças essenciais e primordiais no interior da psiquê. Acerca da pulsão de morte, a existência das angústias na prática clínica ou desejo de morrer. É fundamental pensar também que a morte inclui a finitude da vida, e não somente um meio de eliminar ou reduzir as excitações vitais.

Sob uma lente finita e em última análise, é uma função de todos os indivíduos suportar a vida e se preparar para a morte, inclusive para a própria morte. No entanto, o campo inconsciente é uma área de difícil acesso às representações mortíferas, ou seja, a representação de morte sempre é a morte do outro, isto é, o inconsciente nega o próprio fim e “espera o fim de um outro”. Só conseguiríamos ter alguma intuição da nossa própria finitude através da identificação ambígua do objeto amado, onde deseja-se a morte, porém há temor também, ou seja, há fundamentalmente luto.

É possível uma análise da norma grandiosa no sentido de sustentar a vida: se queres suportar a vida, prepara-te para suportar o fim. Neste sentido, ainda pode ser colocado como: se quer se preparar para a vida, suporte e esteja preparado para a morte dos outros. Os escritos freudianos nos estimulam a pensar em uma relação ética com a finitude. Como disse Laplanche:

Freud ao introduzir na psicanálise a polaridade biológica da vida e do comportamento, e que, prolongando as indicações Freudianas ao interpretá-las, procura investigar o destino da ordem vital (vida e morte) quando é transferida para o plano do aparelho psíquico. Esse outro devir da vida, quando simbolizado na condição humana, vamos acompanhar sucessivamente a problemática da sexualidade, a problemática de si e a problemática da pulsão de morte. (LAPLANCHE, 2001. p. 15)

Assim, é a sexualidade que representa o modelo de todas as pulsões e provavelmente a única pulsão no verdadeiro sentido do termo. Na amplitude do termo, uma vez que a sexualidade não se limita apenas à genitalidade, como também se

estende às perversões, neuroses e todas as atividades humanas, somando a sublimação.

Desta forma, explicar a pulsão por sua pressão, o *Triebe* por seu *Drang*, é praticamente uma tautologia, pois se analisarmos, um deles acaba sendo um elemento abstrato do outro, ou seja, o fator econômico que permanece em constante derivação, e que fará no seu caminho a passagem do instinto à pulsão. Freud coloca que o ato que a pulsão se inclina, é uma manobra motora, a série de atos que resultam numa determinada realização. Por um lado, essa pressão à qual Freud faz referência, atende à eliminação da energia e tensão acumulada, mas por outro, promove o ato específico que atende às necessidades naturais dos homens.

3.3 DA FONTE DO OBJETO PULSIONAL ÀS NECESSIDADES NATURAIS

A respeito da fonte e objeto pulsional percebemos uma questão importante de se pensar: o que determina que o fim seja representado por este ou aquele objeto e não pelo fato de proporcionar apaziguamento? Vamos perceber que a finalização da pulsão está relacionada a dois pontos, sendo o primeiro ao elemento do objeto e posteriormente à fonte (LAPLANCHE, 2001). Por um lado, o objeto representa uma espécie de ponto de vista preciso, uma atividade, a maneira específica como se processa uma ação pulsional e, por outro, seu objeto priorizado.

A oralidade, podemos colocar como exemplo pulsional, o ingerir e incorporar um objeto, no caso o alimento que sustenta o organismo. Curioso é que no caso da oralidade em específico, o objeto aqui é justamente passível de ser incorporado. Então, neste ponto, temos uma primeira exemplificação de uma impossível finalização pulsional, sua determinação pelo objeto, sua relação com o objeto.

A outra caracterização da pulsão é sua especificidade pela fonte, ao demonstrar uma inclinação para uma orientação mais fisiológica e vital. Então, de uma forma breve, veremos esses dois conceitos importantes a respeito da pulsão: o objeto da pulsão não precisa efetivamente ser um objeto inanimado; e o objeto não é oposto em sua essência, sendo algo de ordem subjetiva e singular, o objeto aqui também se ocupa em ser um meio pelo qual a pulsão atinge sua satisfação.

Podemos perceber que a característica do *objeto pulsional* aparece como um caminho ou meio para que possa atingir um fim. Existe uma prioridade para satisfação e o ato que traz uma satisfação em relação a algo "no qual" esse ato encontra seu

ponto máximo. Este ponto ao qual chegamos, consiste num obstáculo que não é desconhecido no pensamento freudiano. Assim que o objeto em sua medida é alcançado, posteriormente há uma importância visivelmente reduzida. A singularidade do objeto é importante até obter a satisfação, basta que possua certos traços capazes de permitir a realização da ação satisfatória.

Outro traço de objeto em psicanálise, vemos no fato de que ele não é efetivamente um objeto no aspecto da teoria do conhecimento, ou seja, um objeto por si só. É fundamental diferenciar os dois significados que, às vezes, encontramos como uma noção de conhecimento e objetividade, e na psicanálise especificamente não é disso que se trata, mas sim de uma unidade subjetiva e singular da pulsão.

O termo *fonte da pulsão*²² é compreendido como um processo somático que está situado em algum órgão ou partes do corpo, sendo a excitação evidenciada na vida psíquica. A forma que Freud encontrou para explicar a relação entre o psíquico e o somático, fazendo uso de uma metáfora, foi como uma demanda que viria de maneira imperativa, conseqüentemente, uma excitação fisiológica local, a qual encontra sua "delegação", sua "representação", na vida psíquica, como uma pulsão (LAPLANCHE, 2001).

Não há definido se esse processo somático e químico poderia se relacionar também com a liberação de outras forças mecânicas. Por exemplo, o estudo das fontes pulsionais não corresponde somente à psicologia e, em última instância, teria de ser resolvido pela biologia.

O conceito fonte, que nos coloca duas pontas de articulação — o instinto e a pulsão —, parece particularmente interessante como ponto de relação entre instinto e pulsão. Por enquanto, antes de entrarmos mais adiante nessas articulações, vale lembrar a conformidade que pode ter entre outras definições sendo: pressão, objeto fim e fonte.

Ao comentar sobre o *Trieb* de forma ampla, estaríamos falando de maneira abstrata, pois ao falar das pulsões de maneira em geral, equivale a reduzir ao campo da biologia, mas na teoria psicanalítica não somente nesta esfera que fazemos essa observação, é essencial uma análise de que as pulsões estão também para os

²² *Fonte da pulsão* é compreensível como um processo somático em um órgão ou também pela parte do corpo, e o estímulo é retratado na vida anímica através da ação da pulsão. Não é certo que esse processo seja somente de natureza química, podendo existir desprendimento de outras forças, como as mecânicas, por exemplo (FREUD, 1915).

comportamentos mais primitivos e instintivos. Então, para além desses breves esclarecimentos e análises, o autor afirma que há a importância de verificar outro testemunho além da validade dessas definições que possa englobar o campo das psicologias contemporâneas, igualmente, inclui nisso o comportamento do social, animal e individual.

Lembremos que as pesquisas contemporâneas da psicologia animal, de uma forma mais ampla, fazem uma menção acerca do conceito de pulsão também como uma força hidráulica. Freud utilizou o termo para explicar o fator econômico, pois admite a existência de um objeto que seria imprevisível, mas que de certo modo apresenta um gatilho e ato específico, e que também possuiria uma capacidade de fazer um movimento de liberação tensional, ou seja, algum movimento que apresente características mais duradouras. (LAPLANCHE, 2001).

A análise das necessidades sexuais do homem e do animal aparece no campo da biologia como uma "pulsão sexual". Por analogia, pulsão de nutrição relaciona-se à fome²³. Não é novidade dizer que “o que foi faltante na infância acaba sendo constituído na puberdade”, isso está intimamente relacionado ao processo de maturação e que também se manifesta na forma de atração sexual e pode ter sua manifestação de interesses de um sexo pelo outro, ou interesse em uma atração que um sexo exerce sobre o outro, tendo então seu fim na união sexual ou nos atos que ela conduz.

Esta noção "popular" é, ao mesmo tempo, uma noção biologizante em que a sexualidade e a pulsão sexual são consideradas segundo o modelo do instinto, da resposta a uma necessidade natural, cujo paradigma é a fome, mas para Freud, é visto como teoria pulsional (LAPLANCHE, 2001).

No caso da sexualidade, evidencia — a partir do amadurecimento um processo de origem interno —, o momento em que o campo biológico da puberdade alcança um caráter decisivo, uma vez que, o indivíduo é definido por suas fontes que tiveram início na infância e com possíveis objetos, surge a satisfação e bem-estar; sendo então definido o objeto, a sexualidade estaria inclinada a permanecer com ele, resultando na união sexual ou nos atos que a possibilitam.

²³ O termo fome é aplicado pelo senso comum como um simples ato de alimentar-se, mas no campo da ciência é usado como libido também para se referir a fome (LAPLANCHE, 2001).

3.4 SOBRE A ORDEM VITAL NO APARELHO PSÍQUICO

Quando fazemos menção ao conflito, surge o seguinte questionamento: o que a sexualidade ameaça? Questionamento insuficiente que acaba estendendo para mais uma pergunta: o que se defende contra ela? Por conseguinte, temos em Freud, uma ambiguidade de forças. Em sua tentativa inicial, o pai da psicanálise comenta que, de forma multifacetada, de um lado temos forças vitais; de outro, a sexualidade; por outro, o amor; e em outra face, a fome. De um lado a sexualidade, no outro a autoconservação. Segundo essa concepção há uma autodefesa, meio pelo qual o indivíduo busca se defender a favor de sua própria sobrevivência.

No entanto, na teoria freudiana, a sobrevivência é ameaçada pela força sexual. Se faz necessário reconhecer que o conflito existente entre as pulsões e as pulsões nomeadas de autoconservação, foi afirmada em sua teoria e até nos coloca uma questão onde há uma hipótese que, em seus escritos clínicos, a análise dos conflitos não teria sido aplicada de forma real²⁴.

No texto de 1910, *Conceito psicanalítico dos distúrbios psicológicos da visão*, Freud comenta sobre a cegueira histérica²⁵. Traz uma ideia de que o período da visão é a gênese e o lugar de um conflito entre suas funções, enquanto função de excitação sexual, embora, a realidade é que nem neste nem em outros textos está realmente determinada a ideia de que é esse o conflito entre as duas funções. A função de autopreservação, isto é, a visão em sua função efetiva, aparece como o solo do conflito e do sintoma e não como um dos termos apresentando ideias contrárias.

O conceito psicanalítico é dinâmico e atribui a origem da vida psíquica a uma interação entre forças que favorecem ou inibem uma à outra. Se em qualquer circunstância, um grupo de ideias permanece no inconsciente, a psicanálise não infere desse fato, de que há uma capacidade constitucional para a síntese que se evidencia nessa determinada dissociação, mas sustenta que o isolamento e o estado de inconsciência desse grupo de ideias foram causados por uma oposição ativa de parte de outros grupos. O processo devido ao qual teve esse destino, é conhecido como “repressão” e o consideramos algo análogo a um julgamento condenatório nos domínios da lógica. (FREUD, 1910, p.131)

²⁴ Para uma leitura complementar sobre o assunto ver o texto de Loparic, Z “A máquina no Homem” sobre a mente, aparelho anímico segundo Freud.

²⁵ O paciente histérico fica cego, não em consequência de uma ideia auto sugestiva de que não pode ver, mas como resultado de uma dissociação entre os processos inconsciente e conscientes no ato de ver; sua ideia de que não vê é a expressão bem fundada da condição psíquica e não sua causa (FREUD, 1910, p.131).

Haveria, de certa forma, um descuido ao argumentar que a sexualidade pode ameaçar a vida e a autoconservação da criança, pois o que poderia estar ameaçado é a integridade, mas que não é da ordem da integridade vital. Se pensarmos que a angústia da morte, para Freud, não se restringe apenas à morte, mas está incluído a castração que vem como uma ameaça à integridade corporal, isto seria uma ameaça ao próprio corpo biológico para além da finitude da vida.

Ainda que, o conflito entre o Eu e a sexualidade ficou evidenciado nos escritos freudianos ao estudar casos clínicos sobre a histeria, a teoria sobre a histeria é um assunto que sempre está presente, pois existe uma relação que não pode ser negada. Esta é a relação com a vida enquanto manobra que articula a vida e a conservação do indivíduo em sua relação com o outro; articulação com o próprio pensamento e a relação com a vivência em sua totalidade.

Claramente percebemos que o Eu é uma unidade que possui uma inclinação a funcionar de maneira sintética. Se coloca como um representante dos interesses do todo e articula como o representante que até então tem autorização para extorquir o interesse da totalidade. Aqui o Eu é a unidade que se distingue do outro, é considerado um indivíduo não apenas no aspecto biológico, mas soma-se no campo psicológico também como o lugar do conflito.

Por consequência, nesse momento se faz necessário uma separação simples, mas que esclarece que não se trata somente do campo técnico, mas amplamente no quesito psicanalítico, onde o Eu é considerado como parte do todo, mas não como a totalidade em si, como uma instância e conseqüentemente um dos protagonistas que se separa a individualidade.

O autor ainda faz uma análise do quanto de força essa unidade dispõe no aspecto econômico, e ainda utiliza de uma terminologia importante que é a *continuidade*; continuidade com as pulsões do Id, e como com uma parte dessas forças, também as forças chamadas de pulsão de vida. Tais forças de vida se encontram na dessexualização do Eu, como uma cedência da energia vital do Id, que direciona, domina e orienta da melhor forma possível (LAPLANCHE, 2001).

É claro que em alguns momentos, curiosamente, a pulsão de morte pode aparecer de forma possível e diferente que um indivíduo encontrou para se situar na própria vida, como no caso das automutilações. A fim de tamponar uma angústia, este exemplo simples mostra a possibilidade que o indivíduo encontrou no momento para

suportar sua angústia. Esta pulsão até então mortífera é indutora e se apoia em um processo de destinação das pulsões chamado de sublimação.

A sublimação é um processo que diz respeito a libido objetual e consiste no fato de o instinto se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual; nesse processo, a tônica recai na deflexão da sexualidade. (FREUD, 1914, p. 59)

Sublimar, então, é considerado um molde psicanalítico de criação, seja ele de objetos ou outros comportamentos de relevância social e dessexualização da libido. Em face disso, é importante pensar na pulsão de morte que muitas vezes é usada de forma conceitual densa até para explicações clínicas diretas, onde faz menção tão somente ao destrutivo, ao que destrói e desagrega no indivíduo, a violência, consumo de químicos entorpecentes.

Se nos atentarmos apenas a isso, este conceito tão importante na obra freudiana fica tão pouco explicativo, pois acaba sendo algo apenas da ordem desintegrativa. Esses processos não seriam somente a expressão da pulsão de morte, mas seriam efeitos do que a própria teoria freudiana nomeia diante do paradigma etiológico das fusões.

No próximo tópico, exploraremos com mais atenção as possibilidades da vida, a manutenção do aparelho psíquico, pois mesmo diante de uma comprovação científica declinista, Freud aponta em seus escritos possibilidades de vida ou sobrevivência.

4 OS POSSÍVEIS DESTINOS PULSIONAIS, SUBLIMAÇÃO, POSSIBILIDADES E LIMITES DO APARELHO PSÍQUICO

4.1 A PULSÃO E SEUS DESTINOS

O que podemos dizer sobre as pulsões sexuais e suas classificações em geral, é que são diversas e em grande quantidade, que originam de inúmeras fontes orgânicas, que no início atuam de maneira independente e depois se unem com o mesmo objetivo, ou meta de obtenção do prazer do órgão. Na primeira manifestação, estão as pulsões de conservação, que se inclinam para o objeto e caminhos sugeridos pelo Eu. Uma parte delas permeia a vida e cede aos componentes libidinais que passam “despercebidos” durante tal funcionamento, aparecendo de forma clara apenas no momento da doença.

São pontuados os destinos da pulsão a serem seguidos: a reversão a seu oposto; o retorno em direção ao próprio Eu; o recalque; e a sublimação. A respeito desses destinos, chama atenção o ponto que coloca a reversão em seu contrário e o retorno em direção à própria pessoa como forças contrárias, opostas em defesas contra as pulsões; a reversão em seu oposto, se observa em duas situações distintas, sendo uma pulsão da atividade para a passividade e a inversão do conteúdo. São meios diversos, precisam ser manejados separadamente.

Podemos exemplificar o primeiro fenômeno contrário como o sadismo-masiquismo e voyeurismo-exibicionismo. A reversão faz menção à meta ativa, aborrecer, afligir, contemplar, é substituída pela passiva que é ser aborrecido, ficar aflito, contemplado. Outro exemplo é o caso de amar, que se converte em odiar.

É fundamental pontuarmos como opera os opostos no sadismo e masiquismo:

O sadismo consiste em atividade de violência, dominação sobre outra pessoa como objeto. Tal objeto é abandonado e substituído pela própria pessoa. Com o retorno em direção à própria pessoa, também se realiza a transformação da meta ativa da pulsão em uma meta passiva. Novamente, outra pessoa é procurada como objeto, a aquela, em decorrência da transformação da meta ocorrida, terá que assumir o papel de indivíduo. (FREUD, 1915, p. 37)

Do ponto de vista do sadismo, a pulsão demonstra estar no interior de sua meta, inclinada para a humilhação, a dominação, em causar dores, como por exemplo, quando se finaliza a transformação do masiquismo, as dores evidenciam claramente uma meta masiquista passiva, a qual possui todos os fundamentos e causas para pontuar que as sensações dolorosas como o desprazer. No entanto, também podem alcançar a excitação sexual e assim produzir um estado prazeroso da dor.

Quando a dor alcança a meta masiquista, pode também de forma retroativa chegar ao sadismo de infringir dores, e quando alguém as provoca em outro, logra masiquistamente pela identificação com o objeto que sofre. Este caso e o anterior, não dizem respeito apenas à dor em si que frui, mas à excitação sexual que está embutida de forma sadicamente cômoda, onde o fruir da dor, apresentada como uma meta de alcance originalmente masiquista, se torna apenas meta pulsional de alguém sádico.

Pensemos também na conversão do amor em ódio, paixões que aparecem direcionadas para o mesmo objeto. Nela vemos um exemplo claro de ambivalência de sentimentos. Pode-se dizer assim que no amar existem três maneiras diferentes além de amar-odiar, sendo elas: amar-ser amado e amar e odiar. Amar-ser amado está

relacionado com a conversão da atividade em passividade e pode ser colocada como situação de pulsão de olhar, exemplo disso é o fato de amar a si mesmo, o narcisismo.

Sobre este ponto, há de se falar brevemente sobre a vida anímica que é permeada por três polaridades opostas:

Indivíduo (Eu) - Objeto (mundo externo);

Prazer – desprazer;

Ativo – passivo;

A oposição Eu-Não-Eu (fora), (indivíduo -objeto), conforme já mencionamos, impõe-se ao indivíduo desde muito cedo, através da experiência de que ele pode silenciar os estímulos externos por meio de sua ação muscular, mas é indefeso contra os estímulos pulsionais. Tal oposição permanece soberana, principalmente na atividade intelectual, e cria situação fundamental da investigação que não pode ser alterada por esforço algum. A polaridade do prazer-desprazer liga-se a uma escala de sensações, cuja insuperável importância na escolha de nossas ações (vontade) já foi anteriormente enfatizada. (FREUD, 1915/2017, p. 51)

Ainda quanto à oposição ativo-passivo, o Eu se posiciona de forma passiva mediante o mundo externo, mas conforme recebe estímulos dele reage de forma ativa. O Eu é de certa forma estimulado pelas pulsões e atividades de uma maneira ímpar frente ao mundo exterior, ou seja, poderíamos até considerar que o Eu seria passivo perante os estímulos externos e ativos por suas próprias pulsões.

As três polaridades anímicas possuem ligações plausíveis entre si. Existe uma ocasião psíquica fundamental na qual duas delas coincidem, o Eu se encontra — originalmente — no início da vida anímica, ocupado energeticamente, visando de certa forma satisfazer as pulsões em si mesmo. Tal condição, nomeamos como *narcisismo*, a qual apresenta uma grande possibilidade de obter satisfação autoerótica²⁶.

De um modo geral, o mundo exterior não está ocupado com interesse e se coloca indiferente à satisfação. Nesse momento, o Eu compatibiliza com o que é prazeroso, e o meio externo condiz com o que é indiferente, uma vez que o mundo externo eventualmente está como uma nascente estimuladora ou como desprazerosa.

²⁶ Uma parte das pulsões sexuais, como sabemos, é capaz dessa satisfação autoerótica, e está apta, então, a ser portadora do desenvolvimento que descrevemos adiante, sob o domínio do princípio do prazer. As pulsões sexuais, que desde o início demandam um objeto, e as necessidades das pulsões do Eu, que jamais podem ser satisfeitas autoeroticamente, perturbam naturalmente esse estado e preparam o terreno para avanços. Por certo, o estado primordial do narcisismo não poderia tomar tal caminho de desenvolvimento se todo indivíduo não passasse por um período de desamparo e de cuidados durante o qual suas necessidades premissas são satisfeitas por agentes externos, e com isso, detidas em seu desenvolvimento (FREUD, 1915/2017, p. 65)

Ao estabelecermos a gênese do amar como a relação do Eu com suas fontes prazerosas — a circunstância onde o Eu ama apenas a si mesmo e se coloca indiferente ao mundo —, elucida a priori as oposições que encontramos para o “amar”.

Poderíamos se necessário, falar que uma pulsão “ama” o objeto pelo qual ela anseia visando sua satisfação, mas dizer que uma pulsão “odeia” um objeto nos parece estranho, e nos damos conta de que as designações de amor e de ódio não se aplicam às relações das pulsões com seus objetos, mas estão reservadas à relação do Eu- total com seus objetos. Entretanto, a observação do uso da linguagem, certamente pleno de sentido, nos mostra outra limitação no significado de amor e ódio. Quanto aos objetos que servem à conservação do Eu, não se costuma dizer que alguém os ama; em vez disso se destaca o fato de que alguém necessita deles, e o expressa por outro tipo de relação ao utilizar palavras que indicam um amor bastante atenuado, como querer, gostar de ver, achar agradável. (FREUD, 1915/2017, p. 57)

Por conseguinte, Freud ainda afirma que alguns modelos de relações de ódio não se originam da vida sexual, mas sim da conservação do Eu e pela sua afirmação. A diferença entre o recalque e a repressão acontece em distintos níveis psíquicos, e com isso surgem alterações de um para outro.

Com isso, o recalque não depende de ação externa coercitiva, é considerado um mecanismo estrutural, ou seja, é independente do externo. Freud aponta duas definições para o *recalque*: a primeira, nomeada de operação, faz com que o indivíduo, enquanto pessoa, procure afugentar ou fixar no inconsciente representações que estão conectadas a uma pulsão. Tal operação é produzida quando há satisfação nesta ação que por si só causa prazer ou desprazer. A segunda, se aproxima da defesa. Quando Freud postula sobre o recalque originário, o define como um mecanismo defensor constitutivo do inconsciente e segundo ele, existem duas formas que constituem fatores identificadores da paranoia, sendo que o ponto mais destacado é *a projeção e o recalque* e este é separado em três etapas distintas, consequentemente diferentes entre seus conceitos. (JORGE, 2008).

O primeiro conceito é a *fixação*, que ocorre desde a infância, sendo através dela que o recalque é condicionado. No estágio infantil alguma pulsão é tocada e fica imobilizada quando isso ocorre, contudo, este processo permanece no inconsciente como conteúdo recalcado e então residem as predisposições às psicopatologias, ou seja, um resto psíquico que fora deixado para trás é causa de doença.

Existem duas forças atuando sobre o recalque, a *repulsão*, que gera movimento a partir do consciente sobre o que possivelmente será recalcado; e a *atração*, que atua sobre o que fora afastado *a priori* com o que se podia fazer alguma ligação. O

recalque em si, é, assim, um movimento de ordem ativa que se origina no Eu; esse processo, intenta aqueles elementos pulsionais que ficaram para trás quando aparece um conflito entre eles e o Eu.

Em 1915, no artigo metapsicológico sobre o “Recalque”, Freud precisará que esta segunda fase do recalque, o recalque propriamente dito, afeta os derivados mentais do representante recalcado e seus elos associativos. O recalcado propriamente dito ocorre só depois (Nachdrängen), sendo necessário sublinhar que o processo do recalcado não consegue retirar todos os derivados daquilo que foi originalmente recalcado (“previamente recalcado”). As distorções, assim como o grande número de elos intermediários, produzem um afastamento suficientemente grande do representante que foi recalcado, permitindo àqueles o livre acesso ao consciente. Freud afirma que “tudo se passa como se a resistência do consciente contra eles constituísse uma função da distância entre eles e aquilo que foi originalmente recalcado. (JORGE, 2008, p. 24)

Sendo assim, *o essencial da psicanálise é a associação livre*, pois é neste momento que o paciente pode manifestar derivados dos conteúdos recalcados através da palavra; ademais, este retorno está no insucesso do recalque e na irrupção do recalcado na superfície. A apresentação destes derivados do recalcado que aparecem na consciência podem ser consideradas as mesmas que formam os sintomas neuróticos.

Para concluir, o último destino possível da pulsão a ser comentado é a sublimação. O verbo sublimar, como pensado por Freud, tem suas raízes no latim *sublimare*, no sentido de elevar, elogiar, endeusar, e faz referência a possibilidade de deslocamento dos alvos ou focos de impulsos.

4.2 SOBRE O PERCURSO E O CONCEITO DE SUBLIMAÇÃO

Já é conhecido que mesmo com tamanha importância a respeito da sublimação na psicanálise, não existe um acervo extenso sobre esse tema na obra freudiana, pelo menos que seja exclusivo a este conceito. O motivo desta falta, estaria registrada em um estudo em que Mendes (2011) comenta sobre o fato de vários artigos de Freud terem sido perdidos juntamente com outros ensaios metapsicológicos.

O conceito de *sublimação*, serve para nomear as ações ou atividades humanas onde não estaria relacionada diretamente com a sexualidade, mas que encontra seu ponto de engrenagem na pulsão sexual. Uma pulsão, encontra-se sublimada no momento em que visa um alvo não atrelado ao sexual, ou que tenha referências a

objetos ou atividades que sejam culturalmente valorizados, inclinando para atividades artísticas, pela pesquisa intelectual e pela prática de esportes.

A pulsão, como foi comentado na seção anterior, possui outros destinos, bem como: o recalque, reversão ao seu oposto, retorno em direção ao próprio eu, ou ser sublimada. Na sublimação, a pulsão dá continuidade ao sexual, mas altera seu destino, fazendo um desvio do sexual e inclinando para o social. Este desvio ocorre justamente quando se afasta do recalque.

Na carta a Fliess, a autora comenta que, em sua citação, referência ao termo e somente a palavra sublimação foi sublinhada, sem demonstrar uma definição específica do conceito. No entanto, é possível perceber que Freud o ligava ao campo da sexualidade. Isso traz a ideia sutil sobre o assunto, onde mostra um objetivo claro, mas oposto ao que é de ordem sexual (Mendes, 2011).

No Caso Dora (1905)²⁷ Freud afirma que não é possível o tratamento de um caso de histeria sem considerar e incluir conteúdos e assuntos sexuais. O termo sublimação já está atrelado a uma possível forma de amortecer ou neutralizar uma exigência erótica, convertendo-a em energia para as realizações ligadas ao campo social. Sendo assim, aqui, a sublimação vai promover uma produção, isto é, o trabalho psicanalítico.

A sublimação seria o processo de desvio das forças pulsionais sexuais para novos objetos. O processo da sublimação é assim descrito: os impulsos sexuais, por derivarem de zonas sexuais perversas, despertam sentimentos desagradáveis, que produzem forças psíquicas opostas. Trata-se de impulsos reativos que, “a fim de suprimir esse desprazer, constroem barreiras mentais da repugnância, da vergonha e da moralidade”. Haveria então uma associação entre a sublimação e a pulsão de saber, ou de pesquisa, entre os 3 e 5 anos de vida. (MENDES, 2011, p. 58)

É verdade que a supressão pela formação reativa²⁸ é uma categoria do sublimar, sendo seu início dado na fase da latência e permanece continuamente ao longo da vida. Posteriormente, dá forma ao que nomeamos de *caráter*, sendo este então: advindo de grande parte das excitações sexuais, compostas de pulsões que foram fixadas desde o período infantil; e de construções que são alcançadas através da sublimação e ainda de outras formações que apresenta eficácia para barrar impulsos perversos, que apresentam uma menor utilidade

²⁷ FREUD, 1901-1905, p.5-128

²⁸A formação reativa bem-sucedida, é uma das mais importantes medidas adotadas pelo ego, como proteção permanente contra o Id (FREUD, 2006, p.12).

Compreende-se três possibilidades de resultados a partir da formação sexual a partir da perversão polimorfa da criança: sendo a primeira, a perversão; posteriormente o recalque, o sintoma e a neurose; e por último a sublimação que desliza para a formação reativa, traços de caráter e ecoa na disposição artística.

Curiosamente, o recalque e a sublimação estão lado a lado, sem a aplicação de qualquer regra sobre esta posição, mas são polos que sofrem empuxos das vicissitudes pulsionais. Ora, há de se considerar formas importantes de evitar a realização direta da satisfação. Por exemplo, no recalque, o indivíduo tem uma posição mais fixa ao que se refere à vida sexual, todavia, para ele, é visto como ponto de referência no aspecto do proibido.

Já na sublimação, o indivíduo abdica do que faz menção ou refere à satisfação sexual de forma direta e lida com ela dentro de outras possibilidades. O impossível de se satisfazer entra em cena e encontra na sublimação uma outra possibilidade de satisfazer-se.

Em *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* (1908)²⁹, são apresentadas algumas propriedades essenciais sobre a sublimação: ela faz menção à inscrição da pulsão no registro da cultural, e isso é realizado por via da dessexualização, sendo assim compreendida no mesmo direcionamento do recalque.

A sublimação se relaciona com a pulsão. A idealização mantém o objeto, enquanto na sublimação é necessária a troca do objeto original. Na sublimação o indivíduo está no registro do ideal do eu. A formação de um ideal aumenta as exigências do eu, falando em favor do recalque; a sublimação é uma saída pela qual essas exigências podem ser atendidas sem envolver o recalque. (MENDES, 2011, p. 59)

Enquanto na sublimação a pulsão se satisfaz em uma outra conjuntura, diferente do que a originou, no recalque o movimento pulsional está fora de ação. Quando existe a modificação do Eu ideal em ideal do Eu, ocorre também uma modificação de satisfação pulsional por meio da sublimação. O recalque se associa com a neurose, já a sublimação não está neste mesmo registro.

No caso, o ideal do Eu não coloca restrições a sublimação, no entanto é fundamentalmente importante que o indivíduo esteja situado subjetivamente nesse registro para que exista a possibilidade de sublimar as pulsões. É justamente nesta possibilidade de saída pulsional — na sublimação — que opera uma alteração tanto

²⁹ FREUD, 1908, p.187-201.

da meta quanto do objeto. Na modificação da meta está a dessexualização, entretanto o que muda na meta pulsional é a descarga. Neste ponto pode-se dizer que existe uma plasticidade, onde a satisfação não é direta, e assim pode encontrar prazer.

No próximo tópico, daremos continuidade às possíveis vias de saída da pulsão e possibilidades para a vida, segundo a teoria freudiana.

4.3 DA DUALIDADE PSÍQUICA À MANUTENÇÃO E POSSIBILIDADE VITAL

Nas obras, *Além do princípio do prazer* (1920), Freud apresenta a noção de pulsão de morte, assim como em *O futuro de uma ilusão* (1927), percebe-se uma expectativa de progresso, e posteriormente, em *O mal-estar na civilização* (1930), apesar da expectativa declinista, nos apresenta uma possível forma de funcionamento vital do aparelho psíquico.

Em *Princípio do prazer como regulador de uma civilização em declínio* (2019), Bocca reconhece que quando nos focamos na clínica, podemos vê-la como positiva e otimista, pois ela oferece ao paciente possibilidades terapêuticas, de modo que o Eu possa encontrar outras vias para ser feliz.

Desse modo, clínica e metapsicologia oportunizam uma coexistência, por exemplo, entre complexo de Édipo clinicamente observado e “especulações convencionais” que pressupõem um destino finalista-declinista para a humanidade e para a vida na Terra. É uma combinação que articula e, portanto, põe em jogo o otimismo do esclarecimento e da autonomia do paciente e o finalismo-declinista das forças (instintuais) entrópicas que o habitam. (BOCCA, 2019, p. 124)

Como foi comentado no tópico anterior, acerca das possibilidades de saídas da pulsão, como a sublimação, o autor admite que as pulsões vão se adequando, aprendendo a viver. A clínica oferece esta possibilidade quando articula as forças instintivas. A partir disso, podemos nos interrogar o quanto um psicanalista pode proporcionar ao paciente que procura tratamento e alívio para a angústia que lhe invade.

O trabalho que a psicanálise propõe é de uma ordem de natureza distinta, não se pode definir ou afirmar categoricamente uma questão, muito menos garantir uma cura, mas tendo uma proposta de tratamento, uma construção e possibilidades, é sabido que na contemporaneidade existem várias propostas de psicoterapias e cada uma com um intuito diferentes, no entanto, existe a possibilidade entre alcançar uma melhora pela via da palavra.

No método psicanalítico, conta-se com simples palavras de uso diário. Visto que uma vez suscitada por via do verbo, a possibilidade de cura na psicanálise se estende entre o alcance e o limite de seu poder terapêutico. É neste ponto em questão que cada indivíduo se enlaça com o trabalho analítico e se encontra. Este método, como se sabe, foi se desenvolvendo e aprendendo a transpor seus obstáculos, advertido acerca de toda ilusão de que poderia propor uma cura ideal. Já seria de grande valia poder transformar os sofrimentos do neurótico em felicidade comum.

Enquanto na posição de paciente, ao se perceber vivamente a intensidade descomunal dos movimentos transferenciais, os quais o endereçam entre o amor e o ódio pelo analista, movimenta suas paixões e sentimentos que supostamente estavam esquecidos. Enquanto o analista, ao ter que suportar com sua presença todas as interfaces da transferência, possibilita um trabalho analítico. Posições estas, cada uma na sua particularidade um tanto quanto desconfortáveis.

Quanto ao campo clínico pela via da linguagem, os episódios neuróticos passaram a ser configurados como resposta final de um processo de simbolização, ocasionando que seus sintomas passassem a ser percebidos possuindo um sentido que até então estivera escondido, oculto e que sendo descobertos no percurso da prática analítica se dissolvem.

Ao passo que a linguagem estrutura a formação dos sintomas, ela deve ser considerada tanto como via que possibilita a estruturação do método analítico quanto instrumento clínico que visa e oportuniza a cura das neuroses. Pinheiro resgata a história dos métodos psicanalíticos e sintetiza esta questão nos seguintes termos:

Concepção está inerente ao objetivo do método catártico ao propor a eliminação dos sintomas a partir da ocorrência de uma ab-reação do afeto patogênico ao fornecê-lo uma expressão verbal. Aqui, se inserida de forma radical, a eficácia terapêutica da palavra, na medida em que ela permite a ponte entre os registros físico e mental, ou seja, entre o componente psíquico (a representação patogênica) e o componente somático (o quantum afetivo) das manifestações sintomáticas. Por esta razão, o método catártico propunha que a rememoração da cena patogênica deveria vir acompanhada de seu afeto correspondente para que surtisse um efeito terapêutico. A cura se fazia, portanto, sobre a possibilidade de se descarregar uma carga afetiva que ficaria 'estrangulada' à época da ocorrência da experiência traumática. (PINHEIRO, 1999, p. 23)

Segundo a autora, é percebido, que a proposta apresentada pela clínica, nos inclina a uma suposição, de que temos a energia psíquica que se faz passível a um processo de simbolização, assegurando a efetividade terapêutica da palavra. No entanto, percebe-se que já nesta etapa da construção teórica freudiana, mesmo que

as relações entre o psiquismo e o corpo tenham sido marcadas sobre a base da linguagem, os processos clínicos desenvolvidos, sinalizaram que algo escapava à essa relação, ilustrando assim, que não existe um intermédio perfeito entre esses dois campos.

Deste modo, quanto aos fundamentos teóricos, os estudos apresentados inclinavam para a possibilidade de simbolização da energia psíquica, a clínica, então apresentava o encontro de um resultado parcial nesse processo. Quero dizer que com a observação e ao passo que se davam os atendimentos clínicos, apareciam eventuais elementos resistentes à elaboração e subsequente, à validade terapêutica da palavra. O encontro desses impedimentos clinicamente visíveis levou Freud à discussão sobre suas bases etiológicas, preferivelmente contando com as explicações biológicas.

Este é um ponto, a título de exemplificar a concepção freudiana acerca das neuroses atuais, as quais foram constituídas partindo de uma gênese unicamente fisiológica ao passo em que seus sintomas eram formados a partir de problemas orgânicos em se atingir a satisfação sexual, sem a presença de qualquer mecanismo psíquico (Freud, 1895/1995). Então, este é o motivo pelo qual as neuroses atuais não seriam cabidas com um tratamento terapêutico onde sua proposta era desvendar o sentido obscuro dos sintomas, desfazendo-os pela decifração de seu significado simbólico, tornando-as contraindicadas para a cura pelo método terapêutico ora proposto.

Foi posteriormente, na introdução do conceito de pulsão de morte³⁰, que esse campo de não-inscrição pôde ser identificado, mas não totalmente resolvido. Posto isto, ao final da obra freudiana, esses elementos psíquicos não possíveis de registro simbólico se apresentaram como o obstáculo ao processo clínico sob a forma de “complexo de castração”, embora não tenha se tornado um fator de impotência para o método proposto.

É notório que a questão referente ao processo clínico psicanalítico passou por uma reformulação considerável durante a elaboração da metapsicologia freudiana. Neste tempo, consideravelmente abastado de formação teórica e de prática no contexto clínico, os resultados terapêuticos da técnica psicanalítica foram incontestáveis.

³⁰ FREUD, 1920, p. 211.

Houve uma forte alteração do método, onde teve início a contar do momento em que a questão transferencial se movimentou da periferia do processo analítico para seu centro, sendo então a mola propulsora pela qual a cura opera, considerando que através da transferência há possibilidade de se encenar, no percurso psicanalítico, as atividades mentais.

Ou seja, em seus aspectos econômico (na medida em que se apresenta como um investimento libidinal na figura do analista), tópico (uma vez que ela reedita o funcionamento dos movimentos inconscientes) e dinâmico (enquanto se presentifica como resistência ao processo clínico). (PINHEIRO, 1999, p.25)

Não precisou de muito tempo para identificar que a transferência apresenta pontos relacionados à resistência³¹ em um dado momento em que encontra material recalado. No percurso analítico, o convite endereçado do psicanalista ao paciente, de dizer tudo que lhe vier à mente, demarca aqui então, o início de uma ação psíquica.

Neste momento, se opõe um empuxo psíquico oposto e de igual intensidade, e neste ato que implica o acontecimento de uma resistência ao progresso das associações e da emergência do conteúdo recalado que aquelas possam autorizar emergir. Devido a isto, a clínica aponta que a base da transferência denota como um experimento em solucionar o embate entre forças opostas, o conteúdo inconsciente que se inclina em vir à tona e a resistência à essa possibilidade.

A base da transferência está localizada na própria estrutura neurótica, na forma particular de obter satisfação pulsional, uma imagem estereotipada, onde é repetido cada vez que um processo de investimento libidinal inicia. No passar do tratamento analítico, ocorre a restauração deste gatilho, só que endereçado ao psicanalista, e este passa a ser embutido nesta série estereotipada de encontrar a satisfação pulsional, onde vem repetindo inconscientemente, ao longo da linha do tempo de vida do paciente.

Assim, neste processo, a transferência, além de marcar a lacuna do fluxo associativo e de permitir a emergência do conteúdo patogênico — pela repetição que

³¹ Nada mais haveria a examinar ou com que se preocupar a respeito deste comportamento da transferência, não fosse permanecer inexplicados nela dois pontos que são de interesse específico para os psicanalistas. Em primeiro lugar, não compreendemos por que a transferência é tão mais intensa nos indivíduos neuróticos em análise que em outras pessoas desse tipo que não estão sendo analisadas. Em segundo, permanece sendo um enigma a razão por que, na análise, a transferência surge como a resistência mais poderosa ao tratamento, enquanto, fora dela, deve ser encarada como veículo de cura e condição de sucesso (FREUD, 1912/1996, p.61).

é essencial —, é contemplada como uma maneira de criação da própria neurose no espaço analítico. Por ser a reprodução ou a substituição do processo neurótico primevo e, representar a instauração de uma neurose artificial, uma “neurose de transferência”, ela autoriza que o psicanalista possa ter um manejo sobre sua produção, permitindo que ela receba um novo sentido.

É importante sinalizar que existe uma aposta de alcançar um novo sentido para a neurose transferencial, pois esta se depara com vários impasses. O sofrimento neurótico atua como força geradora para o início do tratamento, no entanto, a disposição consciente do paciente não é o bastante para dar continuidade ou permanecer ao tratamento psicanalítico.

E ainda, é bom lembrar que a formação da neurose, na realidade, foi a maneira possível encontrada para lidar com o conflito, e desviar-se do sofrimento e carga afetiva negativa que este provocava. Sendo assim, o paciente não estará predisposto a se livrar facilmente dos “ganhos secundários” que a patologia lhe proporciona, motivo pelo qual, à essa força motivadora inicial, o psicanalista deve referir com uma outra, que seria o poder da sugestão estabelecido na relação transferencial.

Dentro deste aspecto, existem algumas diferenças entre a psicanálise e os métodos de terapias por sugestões seguindo a analogia proposta por Freud:

Para ele, os métodos que se utilizam da sugestão, poderiam ser comparados à técnica da pintura, enquanto a psicanálise poderia ser comparada à técnica da escultura. A pintura se caracteriza por colocar, sobre uma tela vazia e incolor, partículas coloridas até então inexistentes. A sugestão agiria de forma equivalente, posto que sua utilização não se vincula a uma preocupação em elucidar a origem, a força ou o sentido dos sintomas. Ela apenas supõe que a sua utilização deposite algo suficientemente forte que seja capaz de impedir a emergência da ideia patogênica. Em contrapartida, a psicanálise, trabalhando como a escultura, “retira da pedra tudo o que encobre a superfície da estátua nela contida vida” (FREUD, 1905[1904]). (PINHEIRO, 1999, p. 26)

É importante destacar um ponto questionador para o desenrolar do processo psicanalítico. Ao estabelecer a transferência, há a possibilidade de manejar a redução sintomática, ao passo que os investimentos libidinais se transferem para o psicanalista. Uma vez que a transferência vai se estabelecendo, este efeito plausível, pode operar sobre psicanalista, como puro poder de sedução. Importante é que o profissional esteja advertido e não deslize, pois o risco e perigo recaem na chance do analista se deixar paralisar por esta sedução de poder.

A análise, para que se obtenha um alcance positivo, requer que se aprofunde de fato na estrutura neurótica³². Suspendê-la expressaria a vitória da resistência sobreposta a proposta terapêutica da técnica psicanalítica. Desta maneira, a gênese da proposta clínica psicanalítica, no que se distingue de outros métodos psicoterapêuticos, firmou-se em um trabalho que, mesmo embutindo o alívio dos sintomas, considera também a dimensão de construção e formação de uma verdade sobre o indivíduo em análise.

É notório que os questionamentos a respeito da presença de elementos psíquicos que resistem ao processo de simbolização acometido pelo percurso analítico se fizeram preponderantes na literatura freudiana a partir de 1920. A propósito, como dito acima, acredita-se que a introdução do conceito de pulsão de morte no campo psicanalítico, veio a fim de esclarecer ou até mesmo responder às questões postas pelos obstáculos ao passo que o tratamento progride do tratamento, em última instância, ao limite à ação terapêutica da palavra.

Pode-se dizer que tais pontuações deram início a partir do impasse inserido pela ocorrência do evento clínico da compulsão à repetição, o qual abreviava, de maneira clara, o impasse que vinha lado a lado da psicanálise em relação ao impasse encontrado, em se alcançar a simbolização daquilo que, atuando sobre o psíquico se torna traumático e, na clínica, claramente se mostrava resistente à elaboração de conteúdos e à reparação destes.

Observando, a propósito, esta tenha sido possivelmente uma das causas pelas quais, neste período de construção teórica, Freud tenha se aplicado a explorar e problematizar os desafios no percurso analítico que se contrariam ao progresso do tratamento psicanalítico, demonstrando um constante cuidado em proporcionar uma análise metódica sobre as possíveis resistências à análise.

Assim, podemos entender que a suposta "desesperança" freudiana quanto à eficácia terapêutica da psicanálise creditada por alguns comentaristas mais apressados, na verdade revela a discussão de uma questão teórica e clínica que necessitava mesmo ser problematizada. Afinal, se tomarmos como termo comparativo a finalidade dos outros métodos de tratamento psíquico (a eliminação dos sintomas) podemos perceber que este também ocorre na psicanálise. Freud não o negou, muito ao contrário. Apenas não era esta a questão que estava em pauta, pois o que a psicanálise propõe está em trabalhar com um mais além disso. (PINHEIRO, 1999, p. 28)

³² A gênese de uma neurose invariavelmente remonta a impressões muito primitivas da infância (FREUD, 1837, p. 46).

Diante de todos os fatores que se opõem ao tratamento psicanalítico, Freud (1937) apontou como obstáculo último e insuportável o complexo da castração, "rochedo" diante do qual, o processo analítico esbarra e é dificultado. Segundo o autor, nas mulheres, esse complexo aparece como uma inveja do falo, um esforço para ter a genitália masculina do qual ela teve que abrir mão durante a passagem do Édipo. Na análise, a constatação de que o processo analítico não poderá satisfazer esse desejo de possuir um pênis, é sentida como uma forte depressão e desinteresse pelo trabalho.

Neste ponto que a autora marca essa distinção entre homens e mulheres, é importante ressaltar que seria um tanto quanto arriscado marcar essa diferença entre homens e mulheres, uma vez que o manejo clínico e a função do analista está em uma operação a partir do inconsciente e não de uma série de certezas onde a psicanálise nomeia costumeiramente de "Ego" ou "Eu", ou seja, para Freud citado pelo autor, Ambra (2016), já não é reconhecido a diferença entre o masculino e o feminino, e que no campo inconsciente não há um reconhecimento da contradição.

Ou seja, é importante colocar que na contemporaneidade não existe uma cisnormatividade³³ possível no campo do inconsciente, pois cada indivíduo percebe cada um à sua maneira singular, seja em sua transgeneridade ou cisgeneridade. Por este motivo, o analista deve pouco se importar ou "nada se importar" com a maneira que o indivíduo se enxerga ou se nomeia, sendo ele cis ou trans, até por que, o que merece destaque na psicanálise é o campo do inconsciente, e não a classificação binária (Ambra, 2016)³⁴.

A psicanálise oferece tratamento e não cura, no entanto, em todo percurso do trabalho marcamos como as possibilidades que a psicanálise oferece sem sentenciá-la. O autor cita Freud esclarecendo que a função da análise é fazer o indivíduo se levar menos a sério, e a neurose surge também pela exigência do próprio indivíduo em se tornar melhor do que já. Somado a isso, a possibilidade de tratamento na prática

³³ Cisgênero pode assim ser definido em termos gerais como aquele ou aquela cuja identidade de gênero corresponde ao sexo que lhe foi atribuído no nascimento. Françoise Dolto, Cássia Eller, Simone de Beauvoir, Elton John e Anderson Silva, são exemplos de pessoas cis; ao passo que Roberta Close, Lea T, João Nery e Thamy Miranda, são exemplos de pessoas trans, podemos definir cisnormatividade como a malha discursiva que marginaliza expressões de gênero trans, ao supor que as vivências cis seriam mais "saudáveis, naturais ou simplesmente normais" (AMBAR, 2016. pg 105).

³⁴ "Existem normas sociais em razão da ausência de qualquer norma sexual, eis o que diz Freud". É isso o que me interessa. Nossa prática se baseia na transferência. Trabalhamos no caso a caso, mas inseridos em nossa época (LAUFER, 2018, pg.18).

clínica inclui escutar a narrativa do indivíduo desprendido de qualquer ideia cristalizada sobre o que é narrado no ambiente clínico (Ambra, 2016).

O autor faz um comentário que tem muito a enriquecer com esta pesquisa, onde esclarece que Canguilhem fez uma demonstração sofisticada quanto a normalidade:

George Canguilhem foi quem mais elegantemente demonstrou que a relação entre saúde e doença não é quantitativa ou estatística, mas só pode ser pensada a partir da relação com um ser vivo específico com seu meio. Para o autor, a normalidade é a capacidade de criar novas normas frente a determinadas situações, ao passo que o patológico é o estado de fixação em uma norma específica. “O vivo doente é normalizado em condições de existência definidas e ele perdeu a capacidade normativa, a capacidade de instituir outras normas em outras condições”. (AMBRA, 2016, pg. 113)

Sendo assim, *normatividade*, para Canguilhem, está na possibilidade e capacidade do indivíduo produzir características mais saudáveis. Contudo, arriscado seria dizer que há uma normalidade para a psicanálise, posto que todo indivíduo falante acaba de certa forma sendo submisso a uma lei singular que condiciona sua capacidade normativa. As chances de cada indivíduo criam novas possibilidades, maneiras e formas de viver são muito mais restritas do que possamos imaginar, até por que, o inconsciente não é um lugar onde as ideias foram simplesmente esquecidas ou depositadas, mas sim, um campo que possui seu próprio funcionamento dentro de seu próprio tempo.

Nesta sessão, foi exposto acerca das possibilidades vitais do aparelho psíquico dentro do contexto clínico, a despeito de suas limitações. Na próxima, será comentado também sobre a possibilidade de conservação vital por outra via.

4.4 POSSIBILIDADE DE CONSERVAÇÃO VITAL PELA VIA DO AMOR

Ainda sobre a possibilidade de conservação do aparelho psíquico, nesta seção, será apresentada a via do amor. Posto isto, ao retornar ao que Freud nos ensinou, encontramos em sua teoria argumentos mencionando acerca da teoria pulsional, que de todas as teorias psicanalíticas, esta foi a que gradativamente apresentou caminhos mais desafiadores, no entanto, era fundamental ao conjunto, que posteriormente tivera a necessidade de colocar alguma coisa em seu lugar.

A autora cita, que pela via da frase do poeta-filósofo Schiller, podemos compreender a fome e o amor como pilastras que fornecem o suporte para a máquina

do mundo, onde a *fome* representa os instintos que querem manter o ser singular, enquanto o *amor* procuraria por objetos; sua função principal, beneficiada de toda forma pela natureza, é a manutenção da espécie. Desta forma, se defrontam instintos do Eu e instintos objetais. Acerca dessas forças instintuais, Freud nos esclarece que:

É certo que um desses instintos objetais, o sádico, sobressaía pelo fato de sua meta não ser nada amorosa, e em vários pontos ele claramente se juntava aos instintos do Eu, não podia esconder sua estreita afinidade com instintos de dominação sem propósito libidinal; mas essas discrepâncias foram superadas. O sadismo fazia claramente parte da vida sexual, o jogo da crueldade podia suceder ao da ternura. A neurose aparecia como o desfecho de uma luta entre o interesse da autopreservação e as exigências da libido, uma luta que o Eu vencera, mas ao custo de severo sofrimento e renúncia. (FREUD, 1930, p. 54)

Em relação ao sadismo, em seu entendimento familiar como instinto parcial da sexualidade, há uma fusão considerável entre o impulso ao amor e o instinto de destruição³⁵. Contudo, a presunção de um instinto de morte ou de destruição encontrou resistência até mesmo no âmbito psicanalítico. Freud nos esclareceu que no início expos apenas algumas concepções, mas conforme o tempo foi passando, houve uma oposição crescente sobre o conceito, e que não seria possível pensar de outra maneira, senão que "é frequente a inclinação de atribuir a uma bipolaridade original do próprio amor tudo o que nele é encontrado de perigoso e hostil".

Assim, é admitido que existe uma tendência inata do ser humano que se incline para o mal, para a violência, a destruição, a hostilidade, para o que desagrega. Trata-se de uma inclinação do instinto original e autônoma no indivíduo, assim, a civilização tem um grande e poderoso obstáculo a superar.

Ainda, em relação à cultura, Freud (1930)³⁶, postula uma atividade que se coloca a serviço de Eros, que intencionalmente reúne indivíduos isolados, como, famílias, posteriormente etnias, povos numa grande unidade, a da humanidade, e assim, esses grupos de pessoas seriam conectadas entre si libidinalmente. Entretanto, esse ideal da cultura se coloca de forma contrária ao instinto natural de agressão dos indivíduos um para com os outros.

³⁵ Como disse Freud: "Ao mesmo tempo, a partir desse exemplo podemos suspeitar que as duas espécies de instintos raramente, talvez nunca, surgem isoladas uma da outra, mas se fundem em proporções diferentes e muito variadas, tornando-se irreconhecíveis para nosso julgamento. No sadismo, há muito conhecido como instinto parcial da sexualidade, teríamos uma fusão assim, particularmente forte, entre o impulso ao amor e o instinto de destruição, e na sua contraparte, o masoquismo, uma ligação da destrutividade dirigida para dentro com a sexualidade, o que faz visível e notável a tendência normalmente imperceptível" (FREUD, 1930, p. 56).

³⁶ FREUD, 1930, p. 56.

Esse instinto de agressão é o derivado e representante maior do instinto de morte, que encontramos ao lado de Eros e que partilha com ele o domínio do mundo. Agora, acredito, o sentido da evolução cultural já não é obscuro para nós. Ela nos apresenta a luta entre Eros e morte, instinto de vida e instinto de destruição, tal como se desenrola na espécie humana. Essa luta é o conteúdo essencial da vida, e por isso a evolução cultural pode ser designada, brevemente, como a luta vital da espécie humana. (FREUD, 1930, p. 58)

Neste momento, perguntamos pela via que a cultura utiliza para impedir ou até mesmo torná-la inofensiva ou anular tal agressividade que está exposta, uma vez que nos damos conta que não é possível sair de tal cenário. Acerca dessa questão, entendemos com Freud³⁷ a maneira pela qual o social, controla então, a perigosa satisfação que o indivíduo tem em agredir, ao enfraquecê-lo, desarmá-lo e fazer com que seja controlado por uma instância ou lei interna, como por uma busca de um lugar de proteção. Aqui podemos fazer menção ao surgimento do sentimento de culpa.

Processo este, que de acordo com Freud (1930) a agressividade é introjetada, internalizada, mas é propriamente mandada de volta para o lugar de onde veio, ou seja, é dirigida contra o próprio Eu. Lá é acolhida por uma parte do Eu que se contrapõe ao resto como Super-eu, e que como “consciência”, dispõe-se a exercer contra o Eu a mesma severa agressividade que o Eu gostaria de satisfazer em outros indivíduos. À tensão entre o rigoroso Super-eu e o Eu a ele submetido chamamos consciência de culpa, que se manifesta como necessidade de punição. (RUTIQUEWISKI, 2022 p. 81)³⁸

O “fruto” da renúncia instintual sobre a consciência se dá de forma que a fração de agressividade que não é possível satisfazermos é amparada pelo Super-eu e aumenta a agressividade deste contra o Eu. Por esta via, Freud (1930) comentou que o sentimento de culpa, seria então uma expressão do conflito ambíguo, uma luta dual e permanente entre Eros e Tanatos, o instinto de destrutividade (pulsão de morte) ³⁹.

Isso ocorre, pois a cultura está posicionada para obedecer a um impulso erótico intrínseco, que a faz ligar os homens em uma massa fortemente conectada, podendo assim alcançar esse fim diante um aumento cada vez maior da culpa. Pode-se perceber que se trata de algo necessário à humanidade, notoriamente está ligada a ela. Contudo, resta um conflito ambivalente, uma permanente disputa entre o amor e ironicamente a busca pela morte, o sentimento de culpa possivelmente seja um estado que o indivíduo encontre dificuldade para suportar.

³⁷ FREUD, 1930, p. 58.

³⁸ Há duas origens acerca do sentimento de culpa, sendo ele o medo da autoridade, e posteriormente o medo diante o Super-eu, o primeiro no caso, nos coloca numa posição onde temos que renunciar às satisfações instintuais e o segundo nos guia também ao castigo (FREUD, 1930).

³⁹ (FREUD, 1930, p. 67)

Com isso, Freud, em *O mal-estar na civilização*, esclarece que os conflitos decorrentes da pulsão de morte foram classificados como sendo o maior obstáculo à civilização. Assim, identificou a principal origem de mal-estar do indivíduo ⁴⁰, embora, para Freud, não existia outra via menos prejudicial. Em uma conversa via cartas com Einstein (1932), deixou claro que a agressividade que retorna para dentro do indivíduo é vista como malsã, e que tem seu direcionamento para o meio externo.

Não obstante, para Freud, não haveria possibilidade de outra via menos danosa. Em correspondência com Einstein (1932), ele afirmou que a agressividade ou atos de violência quando internalizados são considerados doentia, enquanto seu direcionamento para o mundo externo descarrega o indivíduo, mas justamente neste ponto o indivíduo pode se comprometer de forma perigosa e posteriormente causar atos violentos, embora possa comprometê-lo de modo mais grave, quando dá origem a conflitos⁴¹.

Mesmo as tentativas de produção de sentimentos de irmandade e de identificação seriam vias para aplacar a agressividade constitutiva do indivíduo, a pulsão de morte da qual não se pode escapar, ódio primordial que leva o homem à maldade e à crueldade. A pulsão de morte seria, também, o maior obstáculo ao tratamento psicanalítico, quando se volta para o próprio indivíduo como sentimento de culpa ou autodestruição, situações que Freud admitiu não ter elucidado totalmente. Neste sentido, entendemos como o mandamento "ama a teu próximo como a ti mesmo" é a mais forte defesa contra a agressividade humana e um belo exemplo do procedimento antipsicológico do Super-eu cultural. No que se refere ao lugar do amor neste contexto do instinto de destruição, compreendemos como o mandamento é inexecutável, uma vez que "uma tão formidável inflação do amor só pode diminuir o valor, não eliminar a necessidade", conclui Freud. (RUTIQUEWISKI, 2022, p.82)⁴²

⁴⁰ Tal como para a humanidade em geral, também para o indivíduo a vida é difícil de suportar. A civilização de que participa impõe-lhe uma certa quantidade de privação, e outros homens lhe trazem outro tanto de sofrimento, seja apesar dos preceitos de sua civilização, seja por causa das imperfeições dela (FREUD, 1927, p.11).

⁴¹ O organismo preserva sua própria vida, por assim dizer, destruindo uma vida alheia. Uma parte do instinto de morte, contudo, continua atuante dentro do organismo, e temos procurado atribuir numerosos fenômenos normais e patológicos a essa internalização do instinto de destruição (FREUD, 1932, p.164).

⁴² A questão decisiva consiste em saber se, e até que ponto, é possível diminuir o ônus dos sacrifícios instintuais impostos aos homens, reconciliá-los com aqueles que necessariamente devem permanecer e fornecer-lhes uma compensação. É tão impossível passar sem o controle da massa por uma minoria, quanto dispensar a coerção no trabalho da civilização, já que as massas são preguiçosas e pouco inteligentes; não têm amor à renúncia instintual.

Desta forma, é percebido que o amor até pode adiar o instinto destrutivo, mas seria arriscado afirmar e defini-lo como uma via que eliminaria totalmente o instinto instrutivo de maneira que não o fizesse retornar, seja um retorno ao próprio Eu ⁴³.

Freud, em *Novas conferências introdutórias à psicanálise* (1933), fez menção a algo que por sua vez já era nomeado tal como “amor e ódio”, dois instintos: Eros e os sexuais. Supomos que existam dois formatos de instintos, sendo os sexuais em um sentido mais amplo e os destrutivos cujo alvo é a desintegração, a destruição. Curiosamente, nenhum desses dois instintos é menos importante que o outro, os acontecimentos da vida surgem das ações fluentes ou que são contrárias a ambos os instintos (FREUD, 1933).

Neste ponto há algo que chama atenção, é a dificuldade ou a resistência em reconhecer um instinto de agressão como parte constitutiva do indivíduo, pois assumi-lo na constituição humana aparece como um absurdo, pois vai por uma via contrária de pressupostos religiosos e costumes socialmente impostos que consideram que o ser humano possui uma inclinação para o bem, e, se acaso este indivíduo se mostre agressivo, seria apenas em situações que certamente passarão⁴⁴.

Por sua vez, a teoria psicanalítica é dirigida pelas pontuações teóricas dos fenômenos do sadismo e do masoquismo. Acredita-se que no sadismo e no masoquismo existem dois exemplos muito consideráveis de uma fusão das duas espécies de instintos, de Eros com a agressividade, onde considera-se a hipótese de que essa relação é exemplar, de que todos os impulsos que temos conhecimentos através dos estudos, se compõem de tais misturas e fusões das duas espécies de instintos.

Então, os instintos eróticos dariam início à variedade de suas metas sexuais na fusão, enquanto os outros assumem algumas atenuações e gradações de sua monótona tendência. Para termos um esclarecimento melhor sobre esta questão, voltamos nossa atenção para algo que Freud (1933) explicou acerca do masoquismo.

Se, por um momento, colocamos de lado seus componentes eróticos, ele nos dá a certeza da existência de uma tendência que tem como objetivo a autodestruição. Se também no que diz respeito ao instinto de destruição e à

⁴³ Não podem ser convencidas pelo argumento de sua inevitabilidade; os indivíduos que as compõem apoiam-se uns aos outros em dar rédea livre a sua indisciplina (FREUD, 1927, p. 60).

⁴⁴ O homem deve ser bom, ou, ao menos, de boa índole. Se, ocasionalmente, se mostra brutal, violento ou cruel, isto são apenas perturbações transitórias de sua vida emocional, na sua maior parte provocadas, ou, talvez, apenas consequências das regras sociais inadequadas que ele, até então, impôs a si mesmo (FREUD, 1933, p. 70).

libido, corresponde à verdade que o ego - porém aqui queremos nos referir preferentemente ao id, à pessoa total - originalmente inclui todos os impulsos instintuais, somos levados a pensar que o masoquismo é mais antigo do que o sadismo e que este, o sadismo, é o instinto destrutivo dirigido para fora, adquirindo assim a característica de agressividade. Uma determinada quantidade do instinto destrutivo original pode ainda permanecer no seu interior. Parece que apenas podemos percebê-lo sob duas condições: se está combinado com instintos eróticos no masoquismo, ou se - com um acréscimo erótico maior ou menor - está dirigido contra o mundo externo, sob forma de agressividade. E, com isso, acode-nos ao pensamento a importância da possibilidade de que a agressividade pode não conseguir encontrar satisfação no mundo externo, porque se defronta com obstáculos reais. Se isto acontece, talvez ela se retraia e aumente a quantidade de auto destrutividade reinante no interior. Veremos como é que de fato isto ocorre, e como é importante esse processo. A agressividade tolhida parece implicar um grave dano. Realmente, parece necessário que destruamos alguma outra coisa ou pessoa, a fim de não nos destruirmos a nós mesmos, a fim de nos protegermos contra a impulsão de autodestruição. Realmente, uma triste descoberta para o moralista! (FREUD, 1933, p. 70)

Posterior ao pressuposto de que a vida se originou da matéria inanimada, segundo Freud (1933)⁴⁵, naquele instante havia grandes possibilidades de ter surgido um instinto que procura eliminar o estímulo, restaurando o estado anterior de repouso. Se admitimos nesse instinto a confirmação da sua hipótese, podemos caracterizá-lo como expressão de um instinto mortífero ou destrutivo que não estaria ausente em nenhum processo vital.

Em resumo, em relação aos dois instintos, segundo Freud, temos o grupo dos eróticos que se inclinam a aglomerar-se substância animada em unidades cada vez maiores, e o outro, os instintos destrutivos, de morte, que vão contrariamente a todo esse esforço e inclinam novamente o elemento orgânico ao estado inorgânico. Desta movimentação de ambos, originam-se os fenômenos vitais a que a morte põe fim⁴⁶.

No *Compêndio de psicanálise* (1938), Freud pontuou acerca de alguns questionamentos. Comentou que depois de muitas oscilações, houve uma suposição sobre a existência da vida pautado em apenas dois instintos essenciais sendo eles:

⁴⁵ Como essa característica conservadora dos instintos pode, contudo, auxiliar-nos a entender nossa auto destrutividade? Que situação anterior um instinto desses quer restaurar? Bem, a resposta, não é tão difícil encontrá-la, e ela abre amplas perspectivas. Se é verdade que - em alguma época incomensuravelmente remota e numa forma que não podemos imaginar - a vida se originou da matéria inorgânica, então, de acordo com nossa suposição, deve ter surgido um instinto que procurou eliminar a vida novamente e restabelecer o estado inorgânico. Se reconhecemos nesse instinto a auto destrutividade de nossa hipótese, podemos considerar a auto destrutividade expressão de um 'instinto de morte' que não pode deixar de estar presente em todo processo vital (FREUD, 1933, p. 72).

⁴⁶ Ora, os instintos, nos quais acreditamos, dividem-se em dois grupos - os instintos eróticos, que buscam combinar cada vez mais substância viva em unidades cada vez maiores, e os instintos de morte, que se opõem a essa tendência e levam o que está vivo de volta a um estado inorgânico. Da ação concorrente e antagônica desses dois procedem os fenômenos da vida que chegam ao seu fim com a morte (FREUD, 1933, p. 72).

Eros e o instinto de destruição⁴⁷. É válido sublinhar que o amor e ódio são pontos opostos tal como conservação e destruição, embutindo dentro de Eros a contrariedade instintual de autoconservação da espécie, tal como o de amor objetal.

Freud (1938) assinalou que enquanto esse instinto age como instinto de morte, ele permanece de forma silenciosa, mostra-se para nós apenas quando é externalizado, como instinto destrutivo. Quando o Super-eu é estabelecido, admissíveis quantidades do instinto de agressão são fixados no interior do Eu e lá agem de maneira autodestrutiva. Reprimir a agressividade inclina para a doença, percebendo-se frequentemente que um indivíduo num ataque de raiva externaliza a passagem da agressividade impedida à autodestruição, ao transformar a agressividade contra si mesmo.

Nota-se claramente que teria preferido direcionar este comportamento para outro indivíduo. A autodestruição permanece no interior de cada um independentemente, isso nos faz pensar que o indivíduo pode sim morrer por motivos e conflitos internos. Todavia, esta movimentação demonstra ser ainda uma necessidade para a conservação do indivíduo.

Em relação aos dois instintos considerados fundamentais, Eros e instinto de destruição, compreendemos que não é possível absolutamente barrar um ou outro no campo psíquico, ambos têm que estar presente no todo. Há um estado inicial onde toda a energia disponível de Eros, que é nomeada de libido, é encontrada no Eu-Id. Nele, ainda não possui distinção e serve para neutralizar as inclinações destrutivas também presentes. Em relação à libido que pode predominar nas instâncias psíquicas, podemos nomear três tipos principais, sendo eles: erótico, narcisista e obsessivo.

Eróticos são aqueles cujo principal interesse - a parte relativamente maior de sua libido - está voltado para o amor. Amar, mas acima de tudo ser amado, é a coisa mais importante para eles. São dominados pelo temor da perda do amor e acham-se, portanto, especialmente dependentes de outros que podem retirar seu amor deles. Mesmo em sua forma pura, esse tipo é muito comum. Variantes suas ocorrem segundo se ache mesclado com outro tipo, e proporcionalmente à quantidade de agressividade nele presente. Do ponto de vista social e cultural, esse tipo representa as exigências instintuais elementares do id, a que os outros agentes psíquicos se submeteram. O segundo tipo é o que denominei de obsessivo, nome que, a princípio, pode parecer estranho. Distingue-se pela predominância do superego, que se separa do ego sob grande tensão. As pessoas desse tipo são dominadas pelo

⁴⁷ Depois de muito hesitar e vacilar, decidimos presumir a existência de apenas dois instintos básicos, Eros e o instinto destrutivo. (O contraste entre os instintos de autopreservação e a preservação da espécie, assim como o contraste entre o amor do ego e o amor objetal, incidem dentro de Eros (FREUD, 1938, p. 94).

temor de sua consciência, em vez do medo de perder o amor. Apresentam, por assim dizer, uma dependência interna, em vez de externa. Desenvolvem um alto grau de autoconfiança e, do ponto de vista social, são os verdadeiros e predominantemente conservadores veículos da civilização. O terceiro tipo, com justiça chamado de narcísico, deve ser principalmente descrito em termos negativos. Não existe tensão entre o ego e o superego (na verdade, se predominasse esse tipo, dificilmente se teria chegado à hipótese de um superego), e não há preponderância de necessidades eróticas. O principal interesse do indivíduo se dirige para a autopreservação; é independente e não se abre à intimidação. Seu ego possui uma grande quantidade de agressividade à sua disposição, a qual também se manifesta na presteza à atividade. Em sua vida erótica, o amar é preferido ao ser amado. As pessoas pertencentes a esse tipo impressionam os outros como ‘personalidades’; são especialmente apropriadas a atuarem como apoio para outros, a assumirem o papel de líderes e a darem um novo estímulo ao desenvolvimento cultural ou a danificarem o estado de coisas estabelecido. (FREUD, 1931, p.133)

Existem outras maneiras desses três tipos de libido se manifestarem. Há variações deles, mediante a fusão com outra classe e a quantidade de carga que rege. Percebemos, desta forma, como a agressividade se faz presente constantemente. A ameaça é um fator preponderante que dificulta a vida dos indivíduos e coloca sua continuidade em risco, considerando, desta forma, um grande esforço que o social demanda do indivíduo, maneira trabalhosa para que a agressividade seja domesticada e recalçada.

A criação do Super-eu, que pega para si os impulsos nocivos e hostis, como que organiza uma área de guarnição que se direciona para uma área voltada à revolta⁴⁸. Sobre isso, o Eu não se sente confortável quando é martirizado desse modo às demandas da sociedade, quando precisa se submeter às propensões que são desagregadoras, que voluntariamente ele se direciona contrariamente aos outros. Por sorte, os instintos violentos nunca estão sós, mas sim, estão articulados e interligados com os eróticos. Dentro das circunstâncias culturais imposta pelos homens, estes últimos comentados têm muito a diminuir⁴⁹.

Como dito acima, Freud escreveu uma carta endereçada à Einstein em 1932, intitulada “*Por que a Guerra?*”, onde sublinha como cada um desses instintos — Eros

⁴⁸ Todo o fluxo de nossa vida mental e tudo o que se expressa em nossos pensamentos são derivações e representações dos instintos multiformes que são inatos em nossa constituição física. Mas nem todos esses instintos são igualmente suscetíveis de serem orientados e educados e nem todos eles têm igual facilidade para se ajustarem às exigências do mundo externo e da sociedade humana. Diversos deles conservam sua natureza primitiva, ingovernável, irrefreável; se os deixássemos à solta, infalivelmente nos levariam à ruína (FREUD, 1933, p.145).

⁴⁹ Todo impulso com caráter de desejo, que surge das fontes de energia instintual, deve ser submetido ao exame das mais altas instâncias de nossa mente e, não sendo aprovado, é rejeitado e impedido de exercer influência sobre nossos movimentos - isto é, de ser posto em execução (FREUD, 1933, p.145).

e instinto de agressão ou destruição⁵⁰ —, são tão imprescindíveis, tanto um quanto o outro, apresentando um funcionamento conjunto ou contrário de ambos que aparecem nas manifestações da vida. Raramente o instinto pode atuar de maneira isolada, sempre se acha conectado a uma certa quantidade de sua contrapartida, que modifica seu alvo ou, eventualmente, permite-lhe alcançá-la.

Desta forma, Freud, destaca dois exemplos: o instinto de autoconservação é de ordem erótica, mas precisa dispor da hostilidade para ter valia sua intenção. Considerando o instinto do amor, voltado para objetos, precisa de um pouco do instinto de dominação para se apropriar do seu objeto⁵¹. Então, se é por esta via que surgem os movimentos da vida, não há, de forma alguma, possibilidades de extinguir terminantemente as inclinações aniquiladoras do ser humano.

Todavia, é possível compreender que não é da ordem de extinguir as tendências hostis do indivíduo, há chance que existe de desviá-las à medida em que o indivíduo não as manifeste. Lembremos que Freud (1932), esclareceu que a disposição para a guerra é uma consequência do instinto de desintegração, então será natural recorrer, ao que é oposto a este instinto, a Eros⁵².

Todo o laço emocional que existe nas relações é seguramente contra a guerra, ou contra a destrutividade e desintegração e ainda acrescentou que essas relações podem ser classificadas de duas formas, sendo a primeira relação que se estabelece com o objeto de amor, muito embora não haja intenções sexuais e, posteriormente, a ligação emocional que acontece por identificação, onde está baseado as relações sociais de uma maneira geral.

Posto isto, é compreensível que a agressividade e a desintegração, embutida na constituição do indivíduo como um todo, são consideradas parte da constituição de todo indivíduo, podendo se expressar diretamente ou se rebelar pela via sintomática, assim são descartadas as possibilidades de serem extinguidas, apenas postergadas pela via do afeto⁵³.

⁵⁰ Assim, por exemplo, o instinto de autopreservação certamente é de natureza erótica; não obstante, deve ter à sua disposição a agressividade, para atingir seu propósito (FREUD, 1932, p.138).

⁵¹ O instinto de amor, quando dirigido a um objeto, necessita de alguma contribuição do instinto de domínio, para que obtenha a posse desse objeto (FREUD, 1932, p.138).

⁵² Nossa teoria mitológica dos instintos facilita-nos encontrar a fórmula para métodos indiretos de combater a guerra. Se o desejo de aderir à guerra é um efeito do instinto destrutivo, a recomendação mais evidente será contrapor-lhe o seu antagonista, Eros (FREUD, 1932, p.139).

⁵³ Não há maneira de eliminar totalmente os impulsos agressivos do homem; pode-se tentar desviá-los num grau tal que não necessitem encontrar expressão na guerra (FREUD, 1932, p.139).

5 CONCLUSÃO

Durante o processo dos estudos e do desenvolvimento desta dissertação, foi possível traçar um caminho para compreender este funcionamento declinista e inercial. Posto isto, foi possível também compreender os fundamentos que sustentam esta teoria, mas não a determinar como sendo o único viés possível da existência humana. Não obstante, nossa preocupação em explorar minuciosamente a construção conceitual da psicanálise freudiana.

Diante dos textos freudianos e comentadores, foi apreendido o quanto existe de possibilidade de conservação vital para manutenção do aparelho psíquico, mas é necessário sinalizar cuidadosamente, e não apresentar como uma definição, que na resolução de conflitos por via da psicanálise, existe de certa forma, uma perspectiva enviesada diante de um ideal na contemporaneidade, e a psicanálise — com as pontuações da teoria freudiana — vem mostrando que existe uma possível construção e não de fato uma constatação.

Num primeiro momento sobre a teoria inercial de Freud, percorremos os textos de Monzani, onde é exposta a forte tendência do indivíduo de retornar ao inorgânico e ao repouso. Além disso, percorremos o conceito de pulsão como seus componentes: pressão, meta, objeto ou fonte da pulsão. Fizemos uma pequena distinção acerca do estímulo e da pulsão, distinção que nos situa entre o aspecto fisiológico e arco reflexo onde um estímulo externo alcança o tecido nervoso e escoia externamente em forma de reação.

Já a pulsão tem sua inclinação direta ao aparelho psíquico, ou seja, o estímulo pulsional não precisa de um estímulo externo, suas motivações são seguramente de ordem interna do próprio organismo do indivíduo.

É certo que a pulsão está distante de oferecer total compreensão de todos os questionamentos que provoca, mas saber uma de suas características fundamentais é extremamente importante: a maneira como atua constantemente no organismo e está sempre direcionada para satisfação, sua atividade não é momentânea, atua de maneira determinada; como já foi comentado, sua origem é sempre interna, sua essência está no interior do próprio indivíduo e nem sempre é de ordem positiva.

Por exemplo, indivíduos que não preveem o quanto podem colocar-se em risco, mas, mesmo assim estão definitivamente inclinados a obter tal satisfação, buscam uma descarga que é da ordem destrutiva. Como afirmou Freud (1915), é uma força contínua e permanente e não há possibilidade de escape contra ela.

É seguro afirmar que a pulsão possui duas vertentes: uma, que busca satisfações visando a manutenção da vida e do laço com o outro, inclina-se a integração; já a outra, visa a morte, conservação dos mesmos estados de coisas inclinando-se fortemente à inércia, ao repouso, e assim, diante deste embate entre pulsão de vida e pulsão de morte, nos deparamos com os desafios da vida. Mesmo sendo de maneira inconsciente, existe todo um movimento para que cada indivíduo possa dar sentido ao que se vive. Contudo, não se escapa do domínio do *princípio do prazer*, responsável por orientar as pulsões de morte. Assim, a vida civilizada acaba por ocupar uma posição de compromisso entre o autoerotismo e a realidade perturbadora.

Um outro ponto importante que evidenciamos nesta dissertação, é que a intenção do aparelho psíquico é a de afastar todo e qualquer acúmulo de excitação, manter o mais baixo possível, mesmo sendo uma catexia de ordem positiva. Para o aparelho, o interessante é manter-se em zero de acúmulo energético ou reduzir ao máximo possível, como Freud afirmou. Portanto, compreende-se que não são os estímulos externos os responsáveis e causadores do desenvolvimento que pressiona o sistema nervoso com sua capacidade inatingível de realizações.

Fica perceptível, dessa forma, que não temos nenhuma comprovação e segurança de que estaríamos excluídos do *princípio do prazer*. Isto porque, um ponto crucial verificado a respeito das fontes de excitação é que, as fontes de origem externa são facilmente controláveis, enquanto, as de origem interna são incontroláveis, nessas os estímulos aparecem de modo atemporal, são numerosos, originam-se de fontes orgânicas, de maneira autônoma e no interior do organismo.

As pulsões de autopreservação são consideradas de natureza libidinal, são pulsões sexuais que ocupam o Eu do indivíduo, mas mesmo assim, não é seguro e definitivo afirmar que o Eu estaria livre de outras atuações pulsionais, ou seja, existe outras forças atuando sobre essa instância psíquica. Diante disso, Freud (1917), faz um questionamento: seriam as neuroses doenças exógenas ou endógenas? Ou até mesmo, se elas seriam respostas de experiências traumáticas da vida do indivíduo? Em resposta a este questionamento, reconheceu uma prevalência na teoria que

parece afirmar a natureza mortífera das disposições em detrimento de uma alternativa às polaridades vida x morte, uma vez que a pulsão de morte não faz parte da vida consciente do indivíduo.

Por esta operação, visa-se conectar a energia libidinal que é invasora, e é importante condicioná-la a priori, para posteriormente ser descarregada ou recalçada. Ao entrar no aparelho psíquico é necessário que ela possa estar sujeita a operações fundamentais para que possa ser elaborada e aderida ao aparelho psíquico e seguir possíveis destinos.

Pode-se compreender acerca da estrutura celular nervosa, o quanto é complexo e sofisticado todo movimento do pensamento e suas formações, que também possui participação no sistema nervoso, como nos afirmou Gabbi Jr. (1995), que a composição neurológica está contida por células nervosas que possuem características diferentes e desempenham papéis também distintos um dos outros, e como se processam no organismo, evidenciamos que essas células nervosas, ao entrar em contato no conglomerado de células nervosas, os neurônios recebem e transmitem por meio de seus filamentos celulares, por meios de cilindros do eixo, numa cadeia numerosa ramificada com calibres diferentes.

Verificou-se neste ponto a existências de duas classes neuronais extremamente participantes deste processo que faz a barreira de contato: a primeira classe, composta de neurônios que permitem uma passagem de energia, identificada pelo símbolo de energia Qn' . Eles comportam-se de forma que ignoram uma barreira de contato, como se realmente não existisse um impeditivo, e posteriormente retornam ao seu estado anterior; a segunda classe, se destaca pela impermeabilidade celular nervosa, que não permite a passagem da Qn' . Quando ocorre esta passagem, é de maneira dificultosa e parcial, e justamente neste ponto, percebe-se que as células nervosas impermeáveis estão relacionadas com a memória, tendo como base a oposição entre os sistemas percepção e memória, enquanto que o primeiro sistema está inclinado a consciência (células nervosas permeáveis), e o segundo às células nervosas impermeáveis (inconsciente).

Após esclarecer sobre as duas classificações neuronais, pode-se verificar acerca de uma habilidade do sistema nervoso: a é de reter a energia para si além de se manter aberto para receber novas catexias, e este movimento estaria no campo das células impermeáveis. A estrutura onde todas as aquisições psíquicas estariam para o sistema de elementos impermeáveis, e por via de um cancelamento parcial

devido à resistência das barreiras de contato, se diferenciam os neurônios impermeáveis dos permeáveis, e a partir do avanço desta articulação, pode-se perceber que o sistema celular impermeável encontrou uma barreira de contato.

Avistou-se também a existência de uma distinção originária na serventia de contato entre as células nervosas permeáveis e impermeáveis, de que obteriam um traço precário. No entanto, se pensarmos em termos darwinistas, existe a ideia de indispensabilidade dos neurônios impermeáveis e, com isso, a sobrevivência deles.

As barreiras de contato dos neurônios impermeáveis estão submissas, até porque a justificativa vem da oportunidade que a energia circulante está facilitando-a; quanto mais energia neuronal neste percurso, maior seria a facilidade, ou seja, a análise aqui diz respeito não somente à distinção neuronal, mas sim à quantidade de excitação que cada neurônio teria que suportar.

Podemos afirmar seguramente que o mundo externo é a origem de inúmeras excitações, ao fazer um breve retorno ao conhecimento da física, que nos mostra um estímulo massificado que incita um movimento muito considerável. O sistema celular permeável que se encontra inclinado para o meio externo, terá que descarregar com a maior agilidade possível as energias neuronais que infiltram nos neurônios, diferente dos neurônios impermeáveis que não possuem nenhuma ligação com o meio externo, apenas com o interior do organismo e estão constantemente recebendo estímulos.

Sendo assim, nota-se que, em 1920, a pulsão foi reafirmada no centro do sistema, sendo uma das forças essenciais e primordiais no interior da psiquê. Acerca da pulsão de morte, pode-se perceber a existência das angústias na prática clínica ou desejo de morrer. É fundamental pensar também que a morte inclui a finitude da vida, e não somente um meio de eliminar ou reduzir as excitações. Em última análise é uma função de todos os indivíduos suportar a vida, além de se preparar para a morte, inclusive para a própria morte. No entanto, o campo inconsciente é uma área de difícil acesso às representações mortíferas, ou seja, a representação de morte sempre é a da morte do outro.

Já no que diz respeito a ordem vital do aparelho psíquico, pode-se comentar sobre duas possibilidades, sendo a primeira a sublimação e a segunda a via do amor. Temos a sublimação neste processo, em que o instinto neste caso se direciona para outra finalidade que não é de ordem destrutiva, a sublimação é considerada um molde psicanalítico de criação, seja de objetos, esportes, artes, ou qualquer outra coisa que

não tenha inclinação sexual, ou seja, aqui ocorre uma dessexualização da libido, mas encontra seu ponto de engrenagem na pulsão sexual.

Mesmo a sublimação sendo um conceito apresentado em textos não terminados por Freud, ele conseguiu ser assertivo no que deixou e nos mostrou o quanto a sublimação pode ser uma via de conservação vital.

É justamente nesse processo que o indivíduo renuncia à satisfação sexual de forma direta e encontra outras possibilidades na vida, o que até então era impossível de satisfazer se inclina para algo que seja parcialmente possível de encontrar satisfação. Ainda nesta senda, Freud em (1908) nos colocou algumas referências acerca da sublimação, onde seguramente pode-se afirmar que a sublimação faz menção à inscrição pulsional no registro cultural, e isso está absolutamente ligado na vida da dessexualização.

É possível afirmar que a sublimação se relaciona com a pulsão. Neste aspecto o indivíduo está no registro do Eu, e as formações de um suposto ideal aumentam essas demandas a favor do recalque, então a sublimação aparece como uma saída pela qual essas demandas podem ser atendidas sem que passe pelo recalque. Como apresentado, o recalque posteriormente inclina para o sintoma, e a sublimação facilita este processo desviando esta força para objetos, situações, comportamentos saudáveis onde visam a manutenção vital, pois na sublimação a satisfação da pulsão está para um outro contexto totalmente diferente do que originou, e no recalque a moção pulsional está fora de ação.

Acerca das possibilidades de saídas da pulsão, como a sublimação, verificou-se que as pulsões vão se adequando, aprendendo a viver. A clínica oferece esta possibilidade quando articula as forças instintuais. É percebido que na atualidade existe uma vasta oferta de terapias, sejam elas com medicações ou não. É possível afirmar que a análise — para que se obtenha um alcance positivo — requer que se aprofunde de fato na estrutura neurótica, de tal forma, desconsiderá-la representaria a vitória da resistência sobre a proposta terapêutica da técnica psicanalítica. Sendo assim, na gênese da proposta da clínica psicanalítica, no que se distingue de outros métodos psicoterapêuticos, firmou-se em um trabalho que, mesmo embutindo o alívio dos sintomas, considera também a dimensão de construção de uma verdade sobre o indivíduo em análise e as possibilidades que este indivíduo pode construir ou elaborar sobre suas questões.

Através da via da linguagem, os eventos neuróticos foram figurados como o produto final, um processo de simbolização, e com isto que seus sintomas passassem a ser reconhecidos como possuidor de um sentido obscuro que ao ser decifrado no percurso do tratamento analítico se dissolvem.

Na medida que a linguagem colabora com a formação dos sintomas, ela também deve ser vista como ponto fundamental e estruturador do método analítico e como um instrumento clínico que viabiliza e proporciona a cura das neuroses. Ideia esta, que é praticamente impossível de desmembrar do objetivo do método catártico, onde há uma proposta na eliminação de sintomas, partindo do acontecimento de uma ab-reação da carga afetiva patogênica ao fornecê-lo uma expressão verbal.

Freud deu início ao seu trabalho clínico com suas pacientes histéricas pela via da linguagem. Se observamos o viés aberto por Charcot, e pela escola de Nancy, Freud inicialmente em seus trabalhos clínicos projetou uma novidade teórica: existe nos fenômenos histéricos uma desvinculação total entre a anatomia, onde os sintomas não aparecem diretamente em exames, mas se evidenciam no corpo, ou seja, não existe um desassociar entre histeria e o corpo. É importante registrar que existe também um limite no trabalho clínico, a clínica psicanalítica é a clínica das possibilidades e não da certeza de realização e concretização do impossível.

Isto posto, pode-se verificar que no desenvolvimento e produção deste trabalho vimos algumas formas da manutenção vital do aparelho psíquico, e sobre elas compreendemos também a possibilidade de conservação pela via do amor. É sabido que o amor é umas das fundamentações para a constituição subjetiva e somado a ela a formação do social, possibilitando uma permanência do afeto na relação social. Que nela possa existir o contraste, a diferença, dando espaço para o desejo, e mais, dando lugar para possíveis laços sociais e assim a sequência e a permanência de uma inclinação para a vida.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBRA, Pedro. A psicanálise é cisnormativa? Palavra política, ética da fala e a questão do patológico. *Periódicus*, Salvador, n. 5, v. 1, maio-out.2016.

ANNA, F. **O ego e os mecanismos de defesa**. Ed. Artmed. Porto Alegre, 2006.

BOCCA, F. V. Princípio do prazer como regulador de uma civilização em declínio. *Transformação Revista De Filosofia*. Marília: Unesp, 2019.

FREUD, Sigmund. **A história do movimento Psicanalítico**: Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XVI. Rio de Janeiro: Imago, 2010.

FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil “o homem dos lobos”, Além do princípio do prazer e outros textos**. Ed. companhia das letras. Vol 14. São Paulo, 2010.

FREUD, Sigmund. **Novas Conferências introdutórias sobre a Psicanálise (1932-1933)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **A Dinâmica da transferência (1912)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **A Teoria dos instintos (1938)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer (1920)**. Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

FREUD, Sigmund. **As Pulsões e seus destinos**. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1915-1916)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Conferências Introdutórias à Psicanálise (1916-1917)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna (1906-1908)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O caso Schreber artigos e outras técnicas (1911-1913)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma ilusão (1927)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O Mal-estar na civilização (1930)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Por que a guerra? (Carta a Eistein) (1932)**. Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Primeira publicação Psicanalítica (1893-1899)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Tipos libidinais (1931)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Um estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise Leiga e outros trabalhos (1925-1926)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GREEN, André. **La causalidad psíquica entre naturaleza y cultura**. 1ª Ed. Amorrortu Editores. Buenos Aires, 2005.
- JORGE, Marco A. C. **Fundamentos da Psicanálise, de Freud a Lacan**. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 2008.
- JUNIOR, O.F. Gabbi. **Projeto de uma psicologia**. Ed. Imago. Rio de Janeiro 1995.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulario de La Psychanalyse**. Paris: Presses Universitaires de France, 1967, p.465.
- LAPLANCHE, Jean. **Vida y muerte en psicoanálisis**. 1ª ed. Ed. Amorrortu Editores. Buenos Aires, 2001.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J-B. **Vocabulário de Psicanálise**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MENDES, Eliana R. P. Pulsão e Sublimação: a trajetória do conceito, possibilidades e limites 2011. Disponível: Reverso – Revista de Psicanálise – Periódicos de Minas (ufmg.br). Acesso em 03/06/2023.
- MONZANI, Luis. R. **Freud o movimento de um pensamento**. 3ª Ed. Campinas: Unicamp, 2014.
- NADJA, Nara B. P. Psicanálise, teoria e clínica: reflexões sobre sua proposta terapêutica em 1999. Disponível: <https://www.scielo.br/journal/pcp/about/#about>. Acesso em 20/06/2023.
- RUTIQUEWISKI, Priscila. O amor como uma possibilidade frente ao mal-estar interior: amarrações conceituais da obra de Sigmund Freud. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2022.
- SIMANKE, Richard Theisen. O Trieb de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução. Revista Scientia Studia, São Paulo, v.12, n.1, pg. 73, 2014.